

**The Project Gutenberg eBook of F&#225;bulas&#8212;folhas  
cahidas**

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: F&#225;bulas&#8212;folhas cahidas

Author: Almeida Garrett

Creator: Visconde de Jo&#227;o Batista da Silva Leit&#227;o de Almeida Garrett Almeida Garrett

Release date: August 3, 2023 [eBook #71330]

Language: Portuguese

Credits: Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK  
F&#225;BULAS&#8212;FOLHAS CAHIDAS \*\*\*

OBRAS  
DO  
V. DE A. GARRETT.

XVII.

(SEGUNDO DOS VERSOS.)

Rights for this book: [Public domain in the USA](#).

This edition is published by Project Gutenberg.

Originally [issued by Project Gutenberg](#) on 2023-08-03. To support the work of Project Gutenberg, visit their [Donation Page](#).

This free ebook has been produced by [GITenberg](#), a program of the [Free Ebook Foundation](#). If you have corrections or improvements to make to this ebook, or you want to use the source files for this ebook, visit [the book's github repository](#). You can support the work of the Free Ebook Foundation at their [Contributors Page](#).

VERSOS  
DO  
V. DE ALMEIDA-GARRETT.

---

II.

**FÁBULAS—FOLHAS CAHIDAS,  
SEGUNDA EDIÇÃO.**

LISBOA  
NA IMPRENSA NACIONAL

---

1853.

## A QUEM LER

No anno de 1828, em Londres, se publicou o primeiro volume dos versos ou ‘poesias fugitivas’ do Sr. Garrett. Extinguiu-se em pouco tempo a edição; mas o auctor, occupado de outros trabalhos e preocupado de mais serios cuidados, não tractou nunca de preparar a reimpressão que, entre nacionaes e estrangeiros, pediam todos os collectores de suas obras.

Até ao anno de 1841, não lhe foi possivel nem lançar os olhos áquelle modesto volume que, sob o nome de *LYRICA DE JOÃO MINIMO*, tam popular o tinha feito, e algumas de cujas peças ja tinham merecido ser trasladadas nas linguas mais cultas da Europa.

N’esse anno, retirado a descansar no campo de grandes fadigas de corpo e de espirito, deu emfim algumas horas de mais lazer a repassar as composições de sua infancia litteraria, e a escolher as principaes das que, em mais feita idade, lhe tinha arrancado a condescendencia com amigos, ou a irresistivel inspiração de algum objecto ou circumstância da vida que mais o impressionára.

Resmas e resmas de papel lhe vimos destruir e queimar ao fazer d’esta escolha. E apezar do desapiedado apuramento, ainda ficou uma collecção copiosa que, entre o ja impresso e o ainda manuscrito, dava materia para bons quatro volumes.

Infileirou tudo por generos e datas,—algumas das quaes só estavam na pouco exacta reminiscencia do auctor. Mas depois de tentados e desprezados varios methods, assentou porfim—que dos quatro volumes, ficaria sendo o primeiro essa mesma *LYRICA DE JOÃO MINIMO*, apenas alterada da primitiva edição de Londres em leves differenças de collocação, e acaso additada com alguma composição juvenil que o auctor desprezára, mas que reclamavam os seus apaixonados;—que o segundo, sob o titulo de *FLORES SEM FRUCTO*, conteria o resto das composições lyricas da sua primeira e segunda epocha;—que o terceiro seria destinado ás *FÁBULAS E CONTOS*, e por appendice aos poucos sonetos que não intregára ás chammas;—o quarto volume finalmente, com o titulo de *FOLHAS CAHIDAS*, foi dedicado ás

produccões de idade mais madura e que elle considerava como os seus ultimos versos.

D'estes quatro volumes assim detalhados, não se tractou todavia por emquanto de dar ao prelo senão o segundo, as FLORES SEM FRUCTO, que ainda assim só vieram a imprimir-se em 1845.

E nem a popularidade que obteve o livro, nem o remanso de maiores lidas, que por então gosou o auctor, o poderam mover a pôr a última mão a nenhum dos outros.

Sómente em principios de 1851 entrou na imprensa o primeiro volume, isto é, a segunda edição da LYRICA DE JOÃO MINIMO, e o quarto, isto é, as FOLHAS CAHIDAS.

Motivos bem notorios de serviço público vieram reclamar toda a efficacia e attenção do nosso auctor; e os dois volumes lá ficaram abandonados na imprensa, meio compostas e meio revistas as folhas. Assim estiveram dois annos até principios do actual, 1853, em que felizmente desimbaraçado e liberto, pôde outravez dar-se aos seus queridos cuidados litterarios.

Publicou-se então a LYRICA e as FOLHAS CAHIDAS; aquella muito correcta e avantajada á primeira edição; éstas cerceadas e mondadas pelo auctor, que apenas ficou uma pequena brochura do que tinha sido um volume regular.

Em poucos dias porêem desapareceram as FOLHAS;—levadas de bons e de maus ventos... voaram.

E sendo reclamada pela opinião e pelas necessidades do commercio uma segunda edição, resolveu-se o auctor a fazer da reimpressão d'esse voluminho, e do inedito que era destinado ás Fábulas, sonetos, etc., um só tomo, com o título de SEGUNDO VOLUME DOS PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS.

Para resummir d'este modo, era necessario porêem queimar ainda mais sonetos e mais apologos. Assim se fez, sendo genero de occupação em que muito parece comprazer-se o auctor.

Mas por tal modo, com estes dois volumes e com o das FLORES SEM FRUCTO, está completa, em tres tomos regulares, a collecção das poesias menores do Sr. Garrett: nome pelo qual sempre será mais conhecido o Visconde de Almeida Garrett, a quem as dignidades politicas não elevam nunca acima do que a si proprio se eleva por seu ingenho e estudo.

Detractores e inimigos gratuitos—porque não invejosos também?—podem clamar que essas dignidades rebaixam o nome que não podem exaltar.

É um sophisma de calumnia, porventura admissivel como epigramma se, republicano e demagogo, o auctor de Camões, de Gil-Vicente e de Fr. Luiz de Sousa, houvesse alguma hora professado as hypocritas doutrinas do nivelamento social, que tam poucos acclamam com sinceridade, e menos ainda com perseverança. Mas a tribuna, a imprensa e o Conselho o viram sustentar sempre com denodo e dedicação a causa da monarchia, sustentá-la como inseparavel da causa da liberdade do povo, da qual é não menos zeloso e strenuo defensor.

A verdade é que as distincções monarchicas tanto dão lustre ao merito e o recebem d'elle, quanto se invilecem e prostituem lançadas á ignavia ou ao demerito que não conseguem innobrecer.

O dia em que os reis comprehenderem bem este axioma, será o último das aspirações demagógicas.

Voltemos porêr á historia da nossa collecção. Não ficou ella nem rigorosamente chronologica nem perfeitamente systematica. Participa de uma e de outra coisa, innevoadá de um certo mysterio que muito por acaso a envolve, sem nenhuma prevenção ou pretensão da parte do auctor.

Na Lyrica de João Minimo, tal como no princípio d'este anno se publicou, está a infancia poetica, toda a vida juvenil do homem de letras, do artista, do patriota sincero e innocente, do enthusiasta da Liberdade que ainda não conhece, que ama com exaltação, que serve com fervor, e pela qual sacrifica de bom grado a patria, o socêgo doméstico, a fortuna, a saude e quanto os homens mais prezam. Ha n'essa lyra uma corda que ja soa de amor, do amor apaixonado, ardente, cioso que um dia abafará talvez as outras todas. Mas os gemidos soltos que por agora lança, os vagos suspiros que balbucia mostram bem claro que no coração do poeta dormem ainda as tempestades que porventura lhe hão de agitar depois a vida. Para tudo o que não é a Patria e a Liberdade, é tibio e froixo o seu canto, desgarrado e mal sentido. Hade entrar muito fundo n'esse coração a pena ou o prazer, antes que chegue a fazer vibrar a corda íntima que está silenciosa, distendida—e apenas geme a espaços como harpa eolia pendente do ramo, que, agitada por incerta brisa, suspira vaga e saudosa, sem a percutir ninguem, por



ninguem, por coisa nenhuma, e só movida de um indeterminado presentimento do que hade ser, do que póde ser, do que talvez não seja nunca.

Falla de amor o poeta... Sim, falla; e ha Délias e ha Lílias, e ha flores e ha estrêllas, e ha bejos e ha suspiros, e ha todo esse estado maior e menor de um exército de paixões que sai a conquistar o mundo no princípio da vida de um rapaz cheio de alma, de fogo, de exuberante energia e vehemencia de sangue. Mas esse exército é todo de parada, fórma bem na revista—em travando peleja séria, hade fugir, porque é boçal e não o anima nenhum sentimento verdadeiro e tenaz. Ve-se o poeta atravez do amante: falso amor e falsa poesia! Quando um e outro são verdade, não apparece senão o amante, não se ve senão a paixão, a arte some-se, annulla-se deante d'ella: então vem a poesia do coração.

Não ha ainda d'essa poesia na LYRICA DE JOÃO MINIMO. A da alma sim. Nos tres livros em que se divide a LYRICA estão as tres primeiras epochas da existencia do mancebo. As impressões e aspirações da infancia que desponta á puberdade, os instinctos da glória, do amor e do patriotismo suspiram no primeiro livro, que se sente escripto no socêgo da casa paterna á repousada sombra das faias e das lorangeiras da sua ilha no meio do Athlantico,<sup>[1]</sup> e logo depois ás margens classicas do Mondego, nas horas vagas dos estudos superiores. O segundo livro é nova era para o poeta e para o patriota. Alceu imberbe, tribuno de dezeseis annos, levanta-se com a revolução, destitue todos os idolos velhos, e não canta senão hymnos á liberdade. O profundo sentimento monarchico lá resumbra todavia sempre dos mais exaltados cantos com que se insurge a sua musa revolucionaria. Ve-se que, apesar de todo o impeto que leva essa carreira, jamais hade precipitá-lo na anarchia. O irreconciliavel inimigo dos despotas e dos hypocritas não hade ser nunca o amigo dos demagogos, nem blasphemará jamais contra Deus e contra a religião em nome da liberdade que adora como emanção do seio divino.

No terceiro livro ahi está elle repousando no lar paterno das primeiras lidas públicas; ahi canta em suaves endeixas os mais puros affectos da familia, a saudade dos que ja não vivem, o carinho dos que ainda o abraçam. Mas a patria, essa patria que hade renegá-lo e proscrevê-lo d'ahi a pouco, a liberdade que hade fugir bem depressa, vem tirá-lo do seu momentaneo descanso. Os cinco annos da vida de Coimbra passaram, o

socêgo da casa materna a que regressou cança-o. Elle que sai outra vez da sua ilha tranquilla para as tempestades da capital. A causa do povo é trahida, abandonada... elle não a abandona; prefere o exilio, e em terra estrangeira o ouvimos cantar as suas imprecações, as suas saudades e a constancia indomita do auctor do CATÃO.

Tal é a historia da LYRICA DE JOÃO MINIMO, que termina em 1824.

Começa no anno seguinte a das FLORES SEM FRUCTO, collecção ja muito menos volumosa, porque a superabundancia de seus espiritos poeticos tem ja outras derivações. O CAMÕES, a DONA BRANCA, a ADOZINDA, absorvem muito d'elle. Fôrma-se com a experiencia e a observação na terra estrangeira o talento do publicista, aperfeiçoa-se na patria com a prática; começam as luctas politicas de 1826, em que o redactor do PORTUGUEZ e do CHRONISTA mostra que, se a natureza o fez poeta, o estudo e o amor do seu paiz o fizeram orador eloquente e escriptor politico abalisado.

Nova emigração, novos trabalhos litterarios e politicos, e novos cantos lyricos tambem, em que ora geme, ora triumph a liberdade.—Mas no segundo dos dois livros das FLORES começam as paixões do coração a tomar posse mais ampla e mais tenaz do poeta. Seria que as desillusões da politica, os desappontamentos da vida pública, as deffecções da amizade o levassem a refugiar-se nas chymeras d'esse outro paiz de sonhos, em que o despertar não é todavia nem menos desanimado nem menos triste?

Não sei: a vida de um poeta hade sempre ter capítulos mysteriosos, transições inexplicaveis e inesperadas; a filiação de suas ideas e de seus sentimentos é quasi sempre *cryptogamica*. O certo é que, nas primeiras composições dramaticas do restaurador do nosso theatro, o amor não existe. No CATÃO e na MEROPE só ha as paixões d'alma, o amor da patria ou da familia; no GIL-VICENTE porêm ja o coração toma o primeiro lugar,—disputado ainda pela glória, pela paixão das lettras, da arte—mas o primeiro.

N'esta segunda collecção lyrica do nosso auctor, basta a peça que tem por titulo *As minhas asas* para se ver que o homem público, o philosopho, o poeta da glória e da liberdade pagou emfim o tardio e pesado feudo de sua independencia vencida e subjugada. Até então as homenagens ao suzerano eram meias de escarneo, eram um tributo de condescendencia—de uma como elegante ironia! O estado de coisas é outro agora.

AS FOLHAS CAHIDAS continuam esse estado. Os seus dois livros (que na primeira edição foram um só) visivelmente o mostram.

AS FOLHAS CAHIDAS são o principal n'este segundo volume dos VERSOS, que vem a ser o terceiro, porque entre elle e o primeiro estão as FLORES SEM FRUCTO. AS FÁBULAS e OS SONETOS não são senão appendices ou accessorios; e por suas datas e por seu genero pertencem mais á primeira collecção de que acima fallámos, do que a ésta terceira de que vamos occupar-nos.

Aqui os sentimentos patrioticos, o amor da glória, o entusiasmo da liberdade teem ainda saudosos ecchos na lyra do poeta. Mas a energia, a vehemencia de suas cordas não vibra ja senão com outra paixão mais ciosa e mais exclusiva. As Julias, as Délias, não se contentam ja de inspirar, dominam absolutamente o coração do poeta, os hymnos, as canções, as imprecações mesmas da sua lyra.

Que é de o Alceu que bramia liberdade, o Anacreonte que zombava com o prazer, o Tyrteu que precedia as phalanges da Terceira aopé do pendão azul e branco da joven Rainha dos exilados? Que é das elegias suaves e melancholicas do auctor do Camões? Que é feito dos desgarrs semi-rabelaicos do poeta de Dona Branca, dos sarcasmos byronicos e incredulos, dos surrisos mephistophelicos espalhados por essas VIAGENS NA MINHA TERRA, pelo ARCO DE SANCT'ANNA, por tanto volume de prosas e de versos?

Tudo isso acabou, porque acabaram provavelmente todas as decepções do seu ânimo, e não ficou, em lugar d'ellas, senão outra decepção maior que ingana mais cega, e venda mais apertada.

Taes são as FOLHAS CAHIDAS, *última palavra* até agora, mas que não será a *derradeira* do nosso poeta: affoitamente o confiâmos. Confiâmo-lo de seu ingenho grande, de sua alma elevada e nobre, traduzimo-lo da sua admiravel introducção ao pequeno volume que hoje reproduzimos.

AS FOLHAS CAHIDAS não são o fim, são a transição.

O que virá depois sabe-o Deus, sabe-o o destino mysterioso de uma existencia á parte, que não tem lei nas regras, mas nas excepções da humanidade.

O tempo o mostrará, porque uma vida, que tam longa parece por tam cheia que tem sido, é ainda curta e môça bastante para nos deixar aguardar socegradamente pelo futuro que esperâmos d'ella... e muito!

## **NOTAS DE RODAPÉ:**

[\[1\]](#) Em Angra, na ilha Terceira, capital dos Açores.

## **PRIMEIROS VERSOS. FÁBULAS E CONTOS.—SONETOS.**

Senti sempre que a lingua portugueza era para todo o genero de composições. E o rebellar-se ella em algumas pareceu-me que era mais inhabilidade de quem a conduzia do que defeito proprio seu. Por honra d'ella, mais que por vaidade minha, tentei compor em tam desvairados assumptos e generos como tenho feito. Hoje estou crente e firme convencido de que a tudo serve, a todo stylo se presta. Nem me persuadi mais d'isso por alguma coisa em que sahi bem de meus insaios, do que pelas muitas em que falhei.

A singeleza de seu dizer, uma certa malicia popular e mordente de sua innocencia saloia faz o dialecto portuguez eminentemente proprio para o apologo e para o conto.

Está pouco trabalhado o genero entre nós em verso. Mas as fábulas dos animaes, contadas em prosa pelas gentes do campo, teem tanta graça de stylo como as de Esopo e de Pilpay; e as narrativas do Decameron popular em que sempre figura o frade, a mulher do çapateiro, o marido logrado, o amante umas vezes bem succedido em seus artificios, outras colhido n'elles proprios e punido de sua audacia, não teem que invejar a Lafontaine ou ao licencioso italiano que fez as delicias de nossos gaiatos avós da renascença.

Quando, em bem criança, quiz tambem insaiar a minha penna n'este genero, não adverti tanto no que agora escrevo e penso.

Fique pois o meu mau exemplo, fique a minha quéda por farol de aviso aos que navegarem n'este rumo, paraque saibam que as imitações dos estrangeiros são perigosas sempre, e quasi sempre infelizes quando se não poem bem diante dos olhos os unicos typos verdadeiros, que são a natureza, a indole da lingua, e os modos de dizer do povo em cujo idioma se escreve.

Tambem comprehende a segunda parte destes meus 'primeiros versos' alguns sonetos, poucos. De centos que fiz, e que me fizeram fazer, apenas deixei estes. Não são bons, e eu não gósto do genero, que por indole propria

é pretencioso e facticio. Mas confesso que hoje tenho remorso da reacção que promovi contra o soneto. Tinha aomenos restricções e difficuldades que não tem a sôlta liberdade das canções descabelladas e plusquam romanticas, pelas quaes foi substituido; na qual soltura cresceu descompassadamente a turma dos janisaros do Parnaso, que levaram a anarchia poetica além de todas as raias do senso commum.

Se nós invocaremos ainda o soneto e a Arcadia e a Academia, como os povos, cançados e infastidados das orgias da liberdade desinfreada, invocam a tyrannia, último e fatal remedio dos males presentes, que lhes fazem esquecer os passados? Ochalá que não, porque a coisa era muito semsabor e muito pedante. Mas ésta é tam piegas!

Da litteratura piegas nos livre Deus, sôbre todas as coisas.

Emfim, a historia do mundo não é senão uma serie de reacções e contra-reacções. A da litteratura é o mesmo. O que unicamente fica immutavel são os eternos principios da verdade, do gôsto, e da razão em tudo.

Lisboa, Janeiro 1853.

# FÁBULAS E CONTOS.

LIVRO UNICO

---

## I. INTRODUÇÃO.

Cahiram com a folha os meus prazeres;  
E as musas, caro Gomes,<sup>[2]</sup> que, outro tempo,  
Torrentes d'estro me esparziam n'alma,  
Até as mesmas musas  
Sem dó, sem compaixão desampararam  
O froixo amante inválido.  
Embalde as chamo, e as desmontadas cordas  
Da saudosa lyra  
Lhes peço aomenos que siquer me affinem.  
São bellas, como bellas, caprichosas:  
Não me admirou que fujam.

Porêm, amigo, no celeste côro,  
    Como por cá na terra,  
De milagre inda ás vezes se depara  
    Com alma bemfazeja.  
Das nove irmans gentis a mais gaiata,  
    Garrida e brincalhona,  
A galhofeira, magica Thalia,  
    Rindo-se ás gargalhadas  
Da lamuria que fiz por ver fugi-las:  
    —‘Deixa,’ me disse ‘és louco;  
Deixa, que ellas virão sem que as tu chames:  
    É costume do sexo,  
    Assim fazemos todas.  
E que lhes queres tu? que incantos achas  
Na macillenta, pallida Melpomene,  
Que, desde que houve em Grecia um tal Eschylo  
    Até o dia d’hoje,  
    Sempre lagrymijando  
    Nos sécca, nos injoa  
E nos quebra os ouvidos com gemidos?...  
Sempre se anda a mattar e nunca morre!  
    As outras—na verdade,  
    Aqui muito em segredo,  
Éstas minhas irmans... Não é má lingua,  
Não é geito da *saia*... mas decerto  
    Não sei esses poetas  
Porque tanto as incensam, tanto as buscam.  
    Olha: o velho Philinto,  
Que tu, e os teus patricios—boa gente!—  
Tanto gabaram, applaudiram tanto,  
    Sem lhe mattar a fome,  
Postoque a todas nós galanteava,  
    Comtudo a do seu peito  
    Foi a mana Polymnia.  
Nunca vi um namôro mais rançoso;  
Fizeram duzias de odes... duzias!—centos.  
    Tantas e tantas foram,



Que enfim o mano Apollo  
Ja de odes infastiado,  
Assim que o pobre velho deu á casca,  
Protestou, e protesta  
Não dar a mais ninguém o officio vago  
De Lyrico da casa.

‘Caliope, essa tolla impavezada,  
Que Homero, e o teu Camões, Virgilio e Tasso  
Tam mal acostumaram,  
Sempre de bico doce,  
Torce o nariz a tudo  
E diz que a ninguém mais quer dar cavaco;  
E até, se não soubesse  
Que um tal poeta lá da tua terra  
Que faz Orientes e baptiza Gamas,  
E a quem nós todas temos mortal osga,  
Fôra frade tambem... que ia ser freira.  
As mais é tudo o mesmo,  
São todas desdenhosas:  
Além d’isso têm lá os seus namoros,  
E não querem largá-los.

‘Eu ca não sou assim ... Porêm não penses,  
Por me ver rir com todos,  
Que a todos quero, que namóro a todos.  
Ingana-se commigo muita gente,  
Tenho inganado a muitos  
Que julgam conseguir os meus favores:  
Cahem como uns patinhos  
Nas peças que lhes armo.  
Cuidou que me pilhava aqui ha tempos  
Um tal cantor de *burros*,  
Macaco encyclopedico  
Que em tudo quer metter-se.  
Preguei-lhe um lôgro... oh este foi machucho:  
Vesti a minha môça da cozinha  
Que vocês lá no mundo  
Appellidam Chalaça,  
Que sempre anda mettida entre estudantes,  
Marujos e arreeiros,  
Vesti-a c’uma roupa do meu uso  
Ja rota e desbotada,  
E mandei-lh’a em meu nome ao tal poeta,  
Que a pillula ingoliu,  
E muito satisfeito da conquista,  
Por tal a deu aos parvos  
Que as sujas trovas, que os immundos versos  
Extasiados applaudem.

‘Quando eu tinha os meus dôze, e era donzella...  
—Que hoje, cre-me a verdade,  
Vai ca no Olympo o que lá vai na terra!  
Namorei-me de um Grego: oh! bello amante!  
Chamava-se Aristophanes:  
Dei-lhe, intreguei-lhe tudo  
—Como o teu Camões disse—  
O que deu para dar-se á natureza.  
Um Phrygio corcovado,  
Mas que tinha mil graças  
Que a corcova das costas lhe incubriam,  
Soube tambem vencer-me.  
Com estes dois gosei prazer tam doce,  
Tam deleitosas horas,  
Que os monumentos d’ellas  
Inda lá pela terra os mimos fazem  
De quantos sentem de meus dons o preço.

‘Quando no Sena ovante,  
Quando no Tejo e Tybre  
Se ergueram nossos templos  
Que a barbara ignorancia derrubára,  
Ao cantor do Lutrin, ao da Pucelle,  
Ao mago auctor do santarrão Tartufo,  
Ao teu do bento Hyssope,  
E a esse galhofeiro Italiano  
Que aos animaes deu falla,  
Dei-lhe os favores, franqueei-lhe os mimos  
Que a Ariosto, a Gil-Vicente,  
Que aos outros todos concedêra outrora.  
Se o que elles foram sabes,  
Quanto eu valho apprecia.  
Eu não sou como as manas,  
Rio de tudo, tudo rindo insino;  
E nas coisas mais sérias  
Acho, descubro o lado  
Em que o sal do epigramma incaixa a geito.  
Por mim da atroz affronta,  
Por mim da escravidão, por mim da inveja  
O ingenho se despica,  
E n’um só *trait d’esprit*, de eterno opprobrio,  
C’o sêllo do ridiculo,  
Marca indelevel na ignorancia imprime,  
Na presumpção, no orgulho,  
Toma’ e, dizendo, me intregou a lyra,  
‘Toma, e conhece quanto podem risos  
Da magica Thalia.  
Fere-a, e, se os sons mal destros,  
Desafinados, rudes te sahirem,  
Começa n’isso mesmo  
A gosar minhas dadivas;  
Ri-te d’elles, de ti, ri-te da lyra,  
E de mim se quizeres.’

Tal me fallou a minha bella deusa  
Que tantas gargalhadas,  
Nos dias folgasões de nosso tempo,  
Nos fez dar tantas vezes  
Quando na voz roufenha  
Do nosso mathematico Alvarenga.<sup>[3]</sup>  
    Às mãos cheias vertia  
Pilherias do Kai-Pira e Sganarello,<sup>[4]</sup>  
    Do impuhlado Avarento.  
Satisfeito da offerta, e mais que d'ella,  
Do longo e bom cavaco,  
—Cavaco que jejuo ha tanto tempo!  
    Cavaco suspirado  
Com que me acenam ja vespervas sanctas  
    Do tardio feriado!—  
Toquei, ou antes arranhei á toa  
    Os versos que te mando.  
Ri-te se forem bons e se gostares,  
Ri-te se forem maus e te injoarem,  
    Ri-te, ri-te, que o mundo  
Não se póde levar de outra maneira:  
    Assim o insina a deusa.

Coimbra—1820.

### NOTAS DE RODAPÉ:

<sup>[2]</sup> O Dr. Francisco Gomes da Silva, meu companheiro e amigo da Universidade.

<sup>[3]</sup> Outro amigo da Universidade.

<sup>[4]</sup> Farças que representavamos no nosso theatro.

**II.**  
**PELO ZURRO O BURRO.**  
**CONTO ACADEMICO.**

Naturam expellas  
Furca, tamen usque recurral.

MORAT.

Era uma vez: diz mestre Lafontaine,  
Que lh'o dissera Phedro seu amigo,  
Que lh'o dissera um grego corcovado...  
Pois tudo n'este mundo vai por dittos,  
Tudo se diz porque outros o disseram...  
E talvez que não fôsse Lafontaine,  
Mas foi outro que tal, que vale o mesmo:  
Um dia... mas o fio á minha historia  
Não o tórno a quebrar por coisa alguma;  
Poema que tem muitos episodios  
Nunca póde ser bom, nem bons ser elles:  
Diz padre Horacio ou outro tal como elle  
D'estes que intentam accanhar o genio  
Com leis servis por elles arranjadas  
Que, segundo a moderna guapa escola,  
As não póde soffrer de taes birbantes.  
Um dia pois o pae d'homens e numes,  
Como eu ia contando aos meus leitores...  
—Se é que a sorte, que os nega a bons poetas,  
M'os deparar a mim, chulo trovista—  
A rogos, mas de quem ja me não lembra,  
Asno felpudo de orelhões cahidos  
Quiz transformar em fervido ginete;  
E ao bom Mercurio, seu fiel ministro,  
Manda que o longo pêllo lhe tosquie

E um bom naco cerceie das orelhas.

Era grande o burrico, nedeo e gordo,  
E por milagre do supremo Jove,  
Que sempre faz como este bons milagres,  
Ei-lo desimpennado e mui lampeiro,  
Qual andaluz corcel ou egua arabia,  
A par d'outros corceis se vai trotando.  
O povo cavallar na fórma nova  
Não reconhece a burrical maranha.  
Como elles folgazão retouça e pulla,  
Ladeia, faz corcovos, trava o passo,  
Emfim parece—Tanto podem numes  
E tal é o podêr de um bom milagre!—  
Cavallo mestre e feito em picaria.  
—Qual rustico peão de bronca aldea  
De tamancos nos pés, no sacco a broa,  
Que vem para imbarcar lá da provincia,  
E para um tio, que é senhor d'ingenho,  
Ricasso em pretos, em arroz, mellaço,  
Ingoiado apprendiz vai ser caixeiro:  
Morre-lhe o tio, eis o rapaz n'um sino,  
Vende pretos e pretas e mellaço,  
E vem, Cresso de cocos e patacas,  
Metter toda Lisboa n'um chinello;  
Ja por boas, luzentes amarellas  
Serodeo compra fidalguesco fôro...  
D'antes—que hoje a visita da saude,  
Em cheirando a caturra, a bordo o prende,  
E é ja barão quando põe pé em terra.  
Ei-lo que alteia os hombros incolhidos,  
Intufa em vento as bochechudas belfas,  
Impina a pansa, ingrossa a voz pausada,  
E no tropel dos nobres involvido,  
Se o não conheces, crêra-lo provindo  
Dos que nos velhos pergaminhos vivem.  
Tal ja desorelhado e uffano o burro  
Entre altivos ginetes campeava.  
Mas, oh fado infeliz, mesquinha sorte!



Quando entre os novos ledos companheiros  
Se vai trotando com pimpão meneio,  
Ei-lo depara com villan jumenta  
De hirsuta felpa e de costado esguio,  
Que os fios corta d'alma a quem a via,  
Como bem diz Latino-luso vate  
De mui gaiata e festival memória.  
Subito esquece o recém-nobre estado,  
Lembram-lhe antigos, burricaes requebros  
E o tom gallanteador de asnal namôro:  
Estira amante o beijador focinho,  
E em notas de invejar por um Lablache,  
Psalméia airoso, compassado orneio,  
Deixa os amigos e a azzurrar se fica!

Ora pois, como fez o senhor Jove,  
Fez certo gran'senhor de lettras gordas  
E protector das magras.—Foi milagre  
Que pela intercessão foi operado  
De uma a que chamam deusa da Sandice,  
De outra Impostura e de outra Pedantice.

Começa o caso c'o outro parecido.

Havia em certa terra muito longe,  
Lá nas pontas dos pés d'este hemispherio,  
Que dizem fôra outr'ora povoada  
Por certo bebereão feitor de Baccho,  
Havia uma familia de animalculos,  
Zoophytos, e quasi mycrosscopicos,  
Aos quaes Lineu, que achou nomes a tudo,  
Nunca deu nome, nem especie ou genero,  
Nem eu lh'o sei tambem, só sei que arrotam  
Textos, medalhas, chymicas rançosas,  
Que trazem n'algibeira um compassinho,  
Muito accanhado, curto e pequenino,  
Talhado ao molde dos miollos d'elles,  
Com que querem medir todo este mundo.  
D'estes pois—e aqui vai o gran'milagre—  
Burros na fórma, na sciencia burros,  
Mas burros mais que tudo na cacholla,  
Quiz o tal gran'senhor citado acima  
Fazer—ó musa o quê?—Dize, não temas,  
Não fujas, dize e vai-te.—'Uma académia'  
Disse a musa e safou-se ás gargalhadas.  
Mas que académia!—Oh! venham as brilhantes  
De Londres, de Paris, de Petersburgo  
Beber aqui sciencia não sabida  
De assopradas, pomposas ninharias.  
Que producções, que producções! Oh quanto  
Quanto seria mais se um deus maligno,  
Inimigo dos guapos academicos,  
Das tres que Deus nos deu potencias d'alma  
Lhes não saccasse duas á surrelfa,  
Deixando só memorias e memorias...  
Quanto sería mais, quanto fulgira  
Em gordos, grossos, grandes calhamaços  
A portugueza, majestosa lingua,  
Se os novos sabios, no comêço á emprêsa,  
A antigas manhas não perdendo o affinco,  
Não encontrassem por desgraça nossa

C'um perfido *azzurrar*—zurrar malditto!...  
Ficaram no azzurrar sempre zurrando.

Coimbra—1818.

**III.**  
**AMOR E VAIDADE.**  
**FÁBULA.**

Ja mais veloz corria o espaço usado  
Que as horas marca ao dia  
O deus que atrás de Daphne  
—Infructuoso trabalho!—dera ás gambias;  
E aos braços d’Amphitrite ia mais cedo  
Dos trabalhos da luz gosar nas trevas  
Desejado descanso.  
Iam seccando pelo prado as hervas,  
E o verde-escuro dos frondosos montes  
Amarello cahia;  
Sentado aopé da magustal<sup>[5]</sup> fogueira,  
Vermelho e rubicundo  
O bemdito e louvado San’ Martinho,  
—Que a cega antiguidade,  
Por não tomar a bulla da cruzada,  
Nem jejuar aos dias de jejum,  
Baccho chamava em sua escandalosa  
E misera ignorancia—  
Bastas fazia navegar, nos máres  
Da barriga sanctissima,  
As puchantes castanhas;  
Banhos e quintas ao socêgo antigo  
Despovoados tornavam;  
Voava a folha, sibilava o vento,  
E em fim, sem metaphoricas periphrases,  
Era ja meio outomno.  
Amor, Cupido, ou Ero, ou qual mais gostem  
Dar-lhe baptismo ou chrisma,  
Comtanto que não chegue  
A tanto o desafôro  
Que ousem—como eu ouvi, por meus peccados,

Co'estes que a terra um dia  
Ou mar tem de comer—  
Por louca affectação de Anglo-mania,  
(O que não farão modas!)  
Chamar-lhe em Portuguez... chamar-lhe *Love*!  
Amor pois ou Cupido,  
—Que assim nossos avos sempre disseram  
Em tempos venturosos  
Que tudo se chamava por seu nome,  
Que ás bellas se dizia  
Em Portuguez sincero e sem malicia  
O que hoje é fôrça rebuçar no manto  
De alegoria equivocaca—  
Amor, do rebulicio da cidade,  
Do barulho infastiado,  
Farto ja de frexar c'os aureos tiros  
Os corações tam gastos,  
Usados, velhos, estropiados, frouxos  
Da gente que a povoa,  
Para o campo fugiu d'onde ella foge.  
Lá nos singelos bosques,  
Nas simples cabanas  
Singelos corações, simples almas  
Espera achar ainda  
Em Daphnis e Amaryllis.

Por um ameno solitario valle,  
Em seus projectos imbebido o numen,  
Caminhava... eis da incosta d'um outeiro  
Ve descendo gentil, esbelta dama  
    Que bem, no airoso infeite,  
    No perluxo das modas,  
Conheceu que não era habitadora  
    Da rustica espessura.  
Fugi-la quer; mas sentimento occulto,  
    Que entre nós ca na terra  
    Se diz curiosidade,  
—Não sei como no ceo lhe chamam numes!—  
    Sentimento imperioso  
No sexo lindo que nos doira a vida...  
—Que a doira se gosar sabemos d'elle,  
    Que aos parvos a invenena—  
Este o reteve, suspendeu-lhe os passos.  
    Quem será? Quer sabê-lo.  
Ei-los junctos; e Amor que á bella dama  
    Cortezmente sauda:  
—‘No campo ainda e só, quando á cidade  
Apressurada corre toda a gente!  
Tam delicada, tam formosa dama  
    Da quadra desabrida  
    Os insultos não teme?  
Foge acaso o prazer da sociedade,  
    E n'estas mudas selvas  
Vem porventura, desgraçada amante,  
    Chorar na soledade?’

Não gostou do cortejo e cumprimento  
A nympha bella, desdenhosa e dengue;  
Offendida que o nome lhe ignorassem,  
Orgulhosa responde:  
— ‘Conhece-me o universo; em toda a parte  
Templos, altares tenho;  
Domino os corações, govérno as almas,  
Sou uma deusa, e chamo-me Vaidade.  
Por mim co’ a morte, c’os revezes lucha  
O guerreiro no campo;  
E ante o espelho traidor consomme a vida  
A beleza que aos annos se não rende:  
Por mim o litterato sôbre os livros  
Curva a frente abraçada;  
Por mim nos gestos, no fallar se estuda  
O adamado peralta;  
Por mim vivem contentes satisfeitos  
Os que menos razão têm de viverem;  
E o mago meu podêr se estende a tanto,  
Que entro no seio mesmo aos que me offendem,  
Desprezam e injuriam.  
Por meu influxo, n’esse proprio escripto  
Em que me insulta o sabio,  
Corrige e apura o sabio o stylo, a penna,  
Aos louvores armando.  
Eu as suberbas, elevadas cupulas  
Ergo de vãos palacios;  
E até na estancia gellida da morte,  
Nas mentirosas lapidas  
Lavro pomposas lettras  
Que a inganado porvir levam memorias  
De parvos, de maus reis, sanctões Tartufos,  
De tonsuradas bêstas.  
Eu em certa famosa academia  
As charamellas tanjo,  
As conclusões defendo,  
Em vandalo Latim peroro ás turbas,

Tufo a brilhante borla  
Com que as caveiras jumentaes adórno.  
Emfim até d'amor perturbo o imperio:  
    Por mim, por meus auspicios,  
A parvoa chusma dos galans mais parvos,  
    Dos fofos petimestres  
Ja do sexo gentil não quer favores:  
Indiff'rentes ao gôso e á ventura,  
Basta que o mundo os tenha por felizes...  
Por mim a dama desdenhosa e bella  
    Ja não procura amores,  
Nem de Venus suavissimos deleites,  
Mas o gaudio maior, mais lisongeiro  
    De que os outros a creiam  
Cercada de servis adoradores,  
    De humildosos escravos'...



Ia por diante; mas o deus zangado,  
Furioso a interrompe:  
—‘Basta; o numen d’amor sou eu: não entra  
Tam facil em meu reino  
Teu sacrilego pé: sobejas vezes  
De muitos corações tenho extirpado  
Teu petulante vício.  
Em vão esse Hymeneo, que deus se chama  
E igual amim se inculca.  
Ousa pleitear commigo:  
Os nós lhe quebro que appellida sanctos,  
E em seu templo introduzo  
—Embora a testa doia  
Aos miseros maridos—  
Quem me apraz, quem me segue, e a quem eu quero.  
Por mim se eguallam desvairadas sortes,  
Que as baixas condições uno ás mais altas.  
Lidia, a orgulhosa Lidia  
Que a ladaínha dos avós impurra  
A todo o instante e a todos,  
Lidia que nunca ri... c’um tiro as pompas  
E as sombras dos avós lhe desfiz n’alma:  
Puni-a, fi-la escrava,  
Fi-la escrava... e de quem!... do seu lacaio.  
Togas, aureos bastões, borlas, espadas,  
Mittras, coroas, toucas e capuzes  
Ao meu imperio tudo está sujeito.’

Desdenhosa e sorrindo ouviu a deusa,  
E em submissa ironia lhe responde:  
—‘Pois bem: assim será; não valho nada  
    No coração das bellas.  
Mas expliquem sem mim seu vário peito;  
Isso que o mundo appellidou capricho,  
    Que em sua alma domina,  
Dize-me o que é? será sem causa o effeito?  
Suas obras tam variaveis, tam confusas,  
    Com que os amantes pasmam,  
Não as deciphro eu só, de mim não partem?’

Esquentou-se a questão: denovo os deuses  
Pro e contra razões allegam, mostram.  
É cabeçudo Amor, ella teimosa...  
    Não acabavam nunca.  
    Ficariam na mesma,  
Se o meio de findar contendias tantas  
    Não acordasse á deusa:  
—‘Prescindamos’ clamou ‘de vans palavras,  
    Argumentos deixemos;  
Vamos a factos, e de nossas armas  
    Façamos experiencia.’

Sahia a ponto do vizinho bosque  
Pastorella innocente:  
Alma inda nova, coração ingenuo,  
No simples do vestido,  
No mal composto dos cabellos louros,  
De sobejo mostrava:  
Era toda ao pintar para a exp'riencia.  
Consentem ambos em provar, na bella  
E timida pastora,  
O podêr de suas armas.  
Jurou Amor de dar-se por vencido  
Se de seus magos tiros  
Podêsse defendê-la a Vaidade.

Com lisonjeiro, placido semblante  
E com doces palavras,  
Tomando-a pela mão, a affaga a deusa;  
Pungente frexa Amor no arco imbebe,  
E mostrando-lhe a um tempo  
Joven pastor que dera inveja a Páris,  
O tiro lhe dispara.  
Voa a setta fatal... mas no momento  
Em que lhe toca o peito,  
Subito a deusa aos olhos lhe apresenta  
No mesmo instante crystallino espelho...  
Pasma extasiada e fixa  
A simplice donzella,  
O semblante gentil contempla immovel;  
Nem um só volver d'olhos para o bello  
Mancebo lhe escapou.

Sorriu-se a deusa; Amor de invergonhado,  
De corrido fugiu.

## NOTAS DE RODAPÉ:

[5] Magusto, no dialecto da minha provincia, é a fogueira em que se assam as castanhas nos dias marcados pelo ritual minhoto.

**IV.**  
**ESOPO E O BURRO.**  
**FÁBULA.**

A. TH. DA SILVA QUINTANILHA.

Foi grande tempo, amigo,  
Aquelle tempo antigo:  
Eram maiores peras e mellões...  
Pois uma melancia?  
Por essa casa dentro não cabia.  
Bem o mostram as sábias conclusões  
Do famoso Gil-Braz de Santilhana:  
Guardadas proporções,  
Se a conta não ingana,  
Certamente sería  
A maçan com que a Adão Eva inganou,  
Maior do que uma abobora-menina:  
E então ja bem se atina  
Como ella lhe incalhou  
No gargallo do pae da humanidade;  
Cuja enorme hombridade,  
Segundo o mesmo cálculo constante,  
Devia ser maior que a d'um gigante.

N'esse tempo feliz da carochinha,  
Em que pato e peru, porco e gallinha,  
Burros e burras—e o rhynoceronte—  
Cabreavam, ahi por esse monte,  
Com toda a mais canalha  
Que era da sua igualha,  
Toda essa corja dizem que fallava,  
Como nós, na sua lingua-mistiforio.  
Não sei se Deus fez bem no seu decreto  
Que a mercê lhe tirou do fallatorio;  
Pois, segundo mui douto me insinava  
Meu mestre José-Vaz, homem discreto  
E de saber profundo,  
Em toda a sociedade d'este mundo  
Por fôrça hade reger  
O famoso *direito de accrescer*.  
Accresceu para nós, tristes humanos,  
Toda a loquacidade  
De quantos bicharrões, bichos, bichanos  
D'este universo á grande sociedade  
Veio a perdas e damnos:  
E assim vemos fallar moços e môças,  
Velhos e velhas, sabios e tarellos,  
Com vozes finas e com vozes grossas,  
O gentio, o christão, moiro e judeu,  
Por quantos cotovellos  
Deus e o *direito de accrescer* lhes deu.

N'esse tempo feliz então havia  
    Em Grecia um corcovado  
Que de todo o animal, ave ou pescado  
Intendia e fallava a algaravia.  
Muitas ja tinha em Grego traduzido  
    Das famosas comedias,  
    Altisonas tragedias,  
Entremezes chistosos e ingraçados,  
    A que tinha assistido,  
Dos bichassos auctores mais fallados.  
    Um dia passeando  
    Por juncto de um ribeiro,  
—Talvez algum dialogo pilhando  
De bichitos de couve ou formigueiro—  
    Eis-ahi senão quando  
    Direito a elle em frente  
Orelhudo jumento vem trotando;  
E depois de o saudar mui cortezmente  
    Com uma cavatina  
Em notas que nem ja Lablache affina,  
    Findado o ritornello,  
    Assim o nosso burro,  
    Em sua lingua asinina  
    De mui pullido zurro,  
    Ao corcunda fallou,  
    Quero dizer—orneou:  
—‘Tenho um favor que te pedir, Esopo:  
    No apologo primeiro  
Que em lingua traduzires da tua gente,  
    Não me faças tam zôpo  
    Como, useiro e veseiro,  
    Fazes constantemente.  
Em meus discursos mette alguma graça  
E pilherias com sal e com finura,  
Que eu, a zurrar, sou forte na chalaça.’

O bom do Esopo olhou para a figura  
Do elegante orelhudo,  
E com tam destampada,  
Tremenda gargalhada  
Lhe respondeu ao animal felpudo,  
Que elle, de orelha murcha e mui trombudo,  
Se foi sem dizer nada.

Do sincero de Esopo quam diff'rentes  
Andam certos auctores  
Que altisonantes fallas farfalhudas  
Imprestam a patetas gran'senhores,  
Excelsos presidentes  
De pedantes reaes academias,  
Illustres senadores  
Que as cachollas vazias  
Inchados ornam de compradas flores!  
Quantos ha ahi garraios descarados  
Que vão pimpar, sem pejo, pelos pulpitos  
Com os sermões espurios  
Que aos padres mestres da ordem são furtados!  
Quantos vates servís, lamosos gansos  
Que, em vis dedicatorias campanudas,  
De podres versos ranços,  
Na linguagem da Phenix-renascida,  
Vão dar ethica vida  
A Zenobias barbudas;  
E a Mecenas palhaças  
De sabichões da Grecia dão fumaças!



Mas Esopo ficou qual d'antes era,  
E o burro, burro estreme;  
Mas aos nossos Mecenas sécca e treme  
Na frente o loiro, a hera  
Com que venaes poetas  
Lhes coroaram as testas de patetas,  
Em trovas semsabôres;  
Mas os nossos modernos escriptores  
Ficam asnos sem sizo  
Para os homens de bem e de juizo.

Coimbra—1820.

V.  
**O MENINO E A COBRA.**

C'uma cobra doméstica folgava  
Criança innocentinha,  
E—'Meu bicho' dizia a criancinha  
'Comtigo tam seguro eu não brincava  
Se primeiro, o veneno refalsado  
Não te houvessem tirado.  
Que vós sois muito más, muito ingratonas,  
Minhas serpentezonas.  
Oh! nunca a tal historia me esqueceu  
D'aquelle homem que a cobra achou na rua  
—Talvez fôsse avó tua—  
E tanto se doeu  
De a ver toda de frio retransida.  
Que no seio a metheu  
E comsigo a aqueceu.  
Que fez a bicha mal-agradecida?  
Apenas se recobra  
A traidora da cobra  
Vai, e zaz!—e mordeu  
O pobre homem, que logo da ferida  
Venenosa morreu.'

—'Bem parciaes' responde-lhe a serpente  
'São as vossas historias;  
Recontam-nos o caso mui diff'rente  
Lá as nossas memorias.  
O teu homem, que tens por charidoso,  
Creu realmente a cobra ja finada,  
E foi, por cubiçoso  
Da pelle, que era linda e mosqueada.  
Que o teu santinho d'home' a quiz salvar:  
Era para a esfollar.'

—‘Vai-te’ responde em cholera o menino  
    ‘Vai-te, bicho mofino:  
    Todo o ingrato é ladino  
    Para se desculpar,  
E ao seu bemfeitor calumniar.’

O pae da criancinha, mui contente.  
Toda ésta conversa ouvindo esteve;  
E—‘Pois, meu filho’ disse ‘honradamente  
    Julgaste como deve  
    Todo homem de bem:  
Mas é preciso em tudo ser prudente,  
    E injusto com ninguem.  
Ha casos de tam feia ingratidão.  
    Que a razão  
    Não se atreve  
A crê-los, sem exame, assim de leve.  
Raras vezes a ingratos obrigaram  
Os que são verdadeiros bemfeitores;  
Mas o mundo, meu filho, por desgraça,  
Harto está cheio de ruins Mecenas,  
    De falsos protectores,  
    Que a detestavel raça  
Dos ingratos no mundo propagaram.  
    Arrastados favores,  
    Inda menos baratos  
Que interesseiras sordidas onzenas,  
O que hão de produzir, senão ingratos?’

Coimbra—1821.

## VI. A SAUDE E A MEDICINA.

Ja tenho, meu Eloy,<sup>[6]</sup> tudo inmallado;  
Fica até no bahu o estro fechado.  
Mas antes de partir,  
Quero contar-te um conto, que hasde rir.  
Hontem o incontrei  
N'aquelle teu Pignotti tam magano;  
E, se em meu Portuguez não desbotei  
As côres do Italiano,  
Hasde-lhe achar a graça que eu lhe achei.  
Vou abrir o bahu, e venha o estro!  
Sôbre o canhão da bota.  
Como dizer se usa,  
Farei regrinhas curtas e compridas.  
Botas... e esporas tenho ja cingidas,  
Montarei o Pégaso, que nem trota  
Commigo, de esfalfado.  
Eu muito descançado  
Ahi me vou choitando,  
O meu conto contando.  
O conto é da Saude e Medicina...  
E tracta de te rir,  
Que, se não ris, serviu-te a carapuça,  
É um reles doutor de mula ruça  
Doutor que se amoffina  
E não quer consentir  
Que a pobre, atormentada humanidade  
Se desforre uma vez co'a faculdade.

Jove, esse Jove em Grecia tam temido,  
Que imperava nos ceos, nos elementos,  
    Nos raios e nos ventos,  
    De moda emfim cahido,  
O credito perdeu e está fallido.  
    Mas quando elle reinava  
Viam-se casos n'este baixo mundo  
Que o vulgo parvo assegurar ousava  
Desdizerem de seu saber profundo:  
E n'este ponto a grega theologia  
    Por desculpa dizia  
Que, ao dar ordem a coisa tam soez  
Como é d'esta vida o entremez,  
    Lhe cahem muita vez  
    Os oc'los do nariz;  
    E que n'estes momentos  
    Tudo o que faz e diz  
É asneira—sandice por um triz.  
Em um d'estes accessos mazelentos,  
Em que de facto, do nariz divino,  
    E sem elle dar tino,  
Tinham cahido os seus oculos bentos,  
    Á terra nos mandou,  
Só para nosso bem, como julgou,  
Duas boas divindades companheiras,  
    Ambas ricas herdeiras  
    De sua graça divina:  
A saber, a Saude e a Medicina.  
Na fôrça juvenil tinha uma d'ellas  
    Ageis e vigorosos  
Fortes os membros, cheios, musculosos,  
    Tintas de côr rosada,  
    Florida e ingraçada  
    As frescas faces bellas;  
E nos olhos tranquillos e gozosos  
Tinha a indolência com a paz pintada.  
A outra, de gesto magro e macilento,

Cabello pouco, e o pouco de alvo argento,  
Com as faces rugosas descahidas,  
    As carnes resequidas,  
E em círculos de chumbo incaixilhados  
    Os olhos incovados  
    Remelosos, vidrados.  
Intrançada de malva e de chicoria  
Ampla coroa a frente lhe cingia,  
    Como um splendor de glória;  
E a negra sotana que vestia  
Rota, e cossado o pêllo, lhe luzia  
Com erudita e sábia porcaria.  
    Aos hombros alquebrados,  
    Que a muita idade impêna,  
Em fórmula de capuz, juncto ao toitiço  
Assim como uns calções esfarrapados  
    De antigo, velho riço,  
E da côr de bandeira em quarentena.  
N'um frangalho da tal coisa amarella  
Lhe pendia, á feição de bambinella,  
Não Tusão de Oiro ou a Pollar estrêlla,  
Vermelho Christo ou roxo San' Thiago,  
    Mas o instrumento aziago...  
Certo tubo que todos conhecemos,  
Que no lúbrico pau escorregando,  
Emquanto vai e vem assim brincando,  
Ao nobre officio serve que sabemos...  
    Cingida era de emtôrno  
    A venera pendente  
    De um magnífico adôrno  
De pilulas, lancetas em pingente,  
    Sinapismos, ventosas,  
Com que, a modo de pedras preciosas,  
A nova ordem militar fulgia,  
De Esculapio em memoria e honraria.

A este sabio Mentor, Jove intregára  
Em guarda a bella deusa das rotundas  
Bochechas rubicundas,  
E mui severamente  
Que em tudo a governasse, lhe mandára.

Ei-las, breve, a caminho:  
E a deusa obediente  
Submissa e reverente,  
A sua mestra seguia  
Como ao guardião faria  
Um timido noviço capuchinho.  
Mas, alguns passos dados,  
A magra Medicina  
Prega na outra os olhos incovados,  
De admiração malina  
Franze o sobrôlho esguio,  
E tomando-lhe o pulso, em ar sombrio,  
Com palavras que ignoras,  
Profano vulgo, graves e sonoras,  
Disse—‘que a robustez ja muito athletica  
Que lhe achava, a fazia mui plethorica,  
E daria em pleuritica ou phrenetica.  
Provou-lhe mais com medica rhetorica  
Que um excesso mui rude  
Soffria de saude;  
E para que o morboso estado mude,  
E ella possa viver seguramente,  
De todo era forçoso  
Que tivesse o seu tanto de doente.’  
Disse, impunha a lanceta,  
Fere um vaso venenoso,  
E á pobre da pateta  
Tres libras de sadio e generoso,  
Vermelho sangue puro lhe sacou:  
Muito menos a muitos ja mattou!

Mas era a paciente  
Tam pouco natural a estar doente,  
Que á sua directora vigilante  
De melhorar não deu signal bastante:  
Pelo que foi gramando, ás ordens d'ella,  
Nogenta beberagem amarella,  
Fedorenta, asquerosa  
Em dóze prodigiosa!..  
Tanto, tanto bebeu,  
Que a rebelde natura emfim cedeu.  
O appetite, o vigor  
Iam diminuindo;  
E a brilhante côr,  
A frescura das faces vai fugindo.  
—‘Bravo,’ gritava a outra em ledó aspeito  
‘Bravo, que a arte vai fazendo effeito!’

E temendo funesta recahida  
Em quanto de uma vez  
Não tinha debellada e bem vencida  
Do morbo a robustez,  
Manda avançar as horridas catervas  
Dos xaropes, conservas,  
Seguros laxativos,  
Fortes aperitivos...  
Com tal fôrça e podêr, que a desgraçada  
Em sua consciencia  
De todo em todo se sentiu curada.  
Mas com tanta sciencia  
Tam eruditamente era trattada,  
Por via de tam graves aphorismos  
E agudos sylogismos,  
Lardeados de Grego e de Latim,  
Que até, morrer assim,  
Morrer n'esta doçura,  
Morrer tam sabiamente era ventura.



Da nossa boa alumna, por má sorte.  
Era estúpida um tanto a natureza,  
E romba de agudeza:  
Graça a mais superfina  
Que nos póde fazer a mão divina!  
De tam ditosa morte  
Não pôde comprehender toda a belleza.  
Cobrou medo a mofina  
Da sciencia divina,  
E, sem mais Deus-te-salve ou mais embora,  
Desanda-me a fugir, dando á canella  
Por esse mundo fóra.  
Larga a outra atrás d'ella  
A correr... e correu, e correrá...  
Mas nunca a apanhará.  
E d'então para ca  
Ninguem mais se gabou  
De que junctas ou perto as encontrou.  
Tal medo uma da outra concebeu,  
Que aonde a Medicina appareceu,  
É logo—n'um momento  
Foge a Saude mais veloz que o vento.

Coimbra—1821.

### NOTAS DE RODAPÉ:

[6] O Dr. João Eloy Nunes Cardoso, de Monte-mór-o-Novo, outro amigo velho e verdadeiro, da Universidade.

## **VII.**

### **O GALLEGO E O DIABO.**

Eu por mim gósto de contos,  
Diga o mundo o que quizer;  
E para mattar o tempo  
Um conto quero escrever.

Mattar o tempo é preciso  
Aos ignorantes—dirão;  
Ao sabio sempre elle corre  
Voando, que lento não.

Porêm, amigo censor,  
E quem me fez sabio a mim?  
Sou eu lente ou academico,  
Prégador ou coisa assim?

Verdade é, no Quebra-costas  
Minha vez escorreguei,  
Fui prêso por Verdeaes,  
E á porta Ferrea m...ei.

Mas que doutor fiquei eu,  
Se nunca o Martini li,  
Se, o que sube da instituta  
E do digesto, esqueci?

Sabenças para que servem?  
Brucharía, eu t'arrenego!  
Vou-me contar o meu conto;  
E o meu conto é de um Gallego.

Era uma vez um Gallego  
Boçal, felpudo e lanzudo,  
Um Gallego em corpo e alma.  
Em chancas, juizo e tudo.

Nunca lá das Gallileas<sup>[7]</sup>  
Sahiu cabeça tam romba  
A alistar-se nas companhas  
Dos bravos heroes da bomba.

Melena loira e comprida,  
Azeitada e corredia,  
Ôlho azul, pasmado e parvo,  
Bôcca aberta, a barba esguia;

Calção de abanante orelha,  
Por onde fura o quadril,  
Nos pés a fragante chanca,  
Ás costas sacco e barril;

Eis-aqui a vera effigie  
De Thiago Manuel Juan,  
O mais fiel dos Gallegos  
Que jamais *comieron pan*.

Em devoção não fallemos,  
Que nisso era exemplar;  
Deixára um prato de tripas  
Para á missa não faltar.

A miudo ia a confêssio;  
E nunca o somno o pilhou  
Senão a rezar o terço,  
Que—nunca mais acabou.

Em duas ou tres egrejas  
Era freguez de *basar*;  
O seu barril tinha a honra  
De agua benta ás pias dar.

Tam devoto, tam modesto  
Nunca houve outro Thiago;  
Não ha memorias de ouvir-lhe  
Nem uma só vez um *ajo*.

Um dia, á volta das onze,  
Cançado de apregoar,  
—Era em Julho, que escaldava,  
Um calor mesmo de assar!—

N’uma igreja de capuchos  
O bom de Thiago entrava;  
E a igreja tam fresquinha,  
Que á oração convidava.

Por tendencia natural,  
Instincto de chafariz,  
Ajoelhou aopé da pia,  
Herdeira de seus barris.

Mal se tinha *santiguado*,<sup>[8]</sup>  
Isto é, se persignou,  
Um berreiro destampado  
Detrás de si escutou:

Era um membrudo capucho,  
Destemido Ferrabraz  
Que, a duros botes d’estolla,  
Brigava com Satanaz.

Tinha-se o demo incaixado  
No bôjo de uma beata,  
E d'alli se defendia  
Como de uma casa-matta.

Arripiaram-se as melenas  
A Thiago no toitiço,  
Pôz-se-lhe em pé no cachaço  
Até o próprio choiriço.<sup>[9]</sup>

Mas o ôlho arregallado  
Em ponto de admiração,  
Não se atrevia a tirá-lo  
D'aquella horrivel visão.

Travava a descompostura  
Do dize-tu, direi-eu...  
Fallava o frade latim  
Que nem o demo entendeu.

Satanaz é bom latino;  
Ninguem lh'o póde negar:  
As syllabadas do frade  
Faziam-n'o blasphemar.

Grita o frade:— '*Abrenunci-ò!*'  
E o cachorro do Asmodeu:  
— '*Assim não me deitas fóra;*  
*Dize abrenún-cio, sandeu.*'

— '*Latim sabe elle, o malditto...*'  
Disse o frade aos seus cordões;  
Que os frades, como os não usam,  
Não fallam c'os seus botões:

‘No Latim me venceu elle,  
E não fez grande façanha;  
Elle é o diabo, e eu sou capucho!  
Veremos se o faz na manha.’

Ria o demo ás gargalhadas  
Por ter o frade incovado;  
E o capucho, de velhaco,  
Dava-se ja por cangado,

Mas co’a mão á caldeirinha,  
Sem que o pesque Satanaz,  
Vai mansinho... e de repente  
Prega-lhe a hyssopada—zaz!

Deu tal estoiro a beata,  
Que parecia uma bomba ...  
Não era ella, era o demo:  
Cheira a enxophre que tomba.

—‘Eu te esconjuro, malditto!’  
Brada o frade em Portuguese  
(Que não quiz comprometter  
O seu Latim d’esta vez)

‘Eu te esconjuro, malditto,  
Que d’este corpo te vas,  
E não tornes a entrar nelle,  
Negregado Satanaz.’

—‘Vou-me’ disse o porco-sujo  
‘Vou-me embora, Fr. Sandeu,  
Que me escalda essa agua benta.  
Mas para onde heide ir eu?’

—‘Para onde?...’ E deitando os olhos  
A um lado d’improviso,  
Deu o frade com Thiago  
Que rebentava de riso.

Thiago, de um grande medo  
Passára a grande alegria;  
E, esfregando as mãos no sacco,  
Como um perdido se ria.

Leitor não te scandalizes;  
Que o ver logrado o demonio  
Até fez perder de riso,  
N’um sermão, a Sancto Antonio.

—‘Para onde?...’ repete o frade  
‘Que me importa a mim, pespêgo?  
Vai-te metter, se quizeres,  
No c... d’aquelle Gallego.’

Conhecem-se os grandes homens  
Nas grandes occasiões:  
Thiago, sem mais demora,  
Deitou abaixo os calções;

E, em menos tempo ainda  
Do que o demo esfrega um ôlho,  
Ja na pia da agua benta  
Tinha elle o seu de mólho.

Batte-me quatro palmadas  
No rechonchudo do traz,  
E diz-lhe:—‘Agora, só diabo,  
Venha p’ra ca, se é capaz.’

## NOTAS DE RODAPÉ:

[7] Terra de Gallegos, em dialecto scholastico.

[8] Feito o signal da cruz.

[9] O non-descriptum de trapo e cordagens que o gallego põe no cachaço quando carrega o pau e corda.



**VIII.**  
**O Casquilho.**  
**(JANOTA)**  
**FÁBULA.**

Quem de Ovidio os contos leu  
Certo inda tem na memoria  
A mais curiosa historia  
Que elle em seus contos metteu:  
—De como Jove indignado  
C’uma nação de velhacos,  
Para os não fazer em cacos  
Os converteu em macacos.  
    Vendo-se assim humilhado,  
    Veio o povo castigado,  
    De contricto coração  
    A pedir perdão  
Ao deus que fulmina o raio e o trovão.

Fazendo caretas, ganindo e guinchando  
    Lhe vinham bradando  
    Em mona e bugia:  
—‘Restaura-nos, ó padre soberano,  
    O antigo vulto humano  
    Co’a perdida razão.’

    O Tonnante, a quem passado  
    Era o primeiro furor,  
    Dos bugios ao clamor  
    Prestou ouvido apiedado;  
Mas do macaco requerimento  
Não despachou senão ametade,  
    E o resto a deidade  
Mandou dispersar nas azas do vento.

Mal o acceno omnipotente  
Troou na celeste abobeda,  
A monaria contente  
Se ergueu altiva, impavida;  
Toda se impavesou  
E repimpou;  
E como gente  
A andar por esse mundo se deitou.

O pêllo esfarripado.  
Que as cabeças télli lhes ouriçava,  
Em lindos caracoes se debruçava  
Agora pelo rosto transmudado.  
Não mudou por dentro o caco,  
Que ficou sempre macaco;  
E a cara por fóra  
Tambem não mudou muito do que fôra.  
Os mesmos focinhos,  
As mesmas caretas,  
E os parvos risinhos  
E as fofas e as tretas.

Assim meio mudados, meio não,  
Lhes fez o padre Jove um bom sermão,  
E lhes mandou tomar  
Aopé da raça humana o seu lugar.  
O homem com desprêzo o bicho olhou,  
Nem siquer nome para dar-lhe achou;  
Mas a mulher gostou  
Da tal farofia de apparente brilho,  
E á *coisa* pôz o nome de—CASQUILHO.

Londres—1829.

**IX.**  
**OS AMANTES GENEROSOS.**  
**CONTO.**

**A. J. LARCHER.**

Pois os mimosos sons da branda musa  
Do tam gentil Bernard, na patria lyra  
Queres ouvir suave modulados,  
E em luso trajo disputar-se um beijo  
De Tempe os generosos amadores,  
As cordas ferirei por comprazer-te,  
Cortar-lhe-hei galas dos pastores nossos:  
Na lingua de Camões, se posso tanto,  
Virão aqui a suspirar d'amores;  
E os echos d'estes valles mais sinceros  
Te dirão suas fallas namoradas.  
Tu, que es meio francez, meio germano,  
Que á meiga Deshouliers canções tam finas,  
Que a Gesner mais singelo ouviste o canto  
Na propria avena de seus tons cantado,  
Se os teus pastores nas ribeiras nossas,  
N'estas suaves margens do Mondego  
Vires diff'rentes, demudada a graça,  
E alternando sem arte a cantilena  
Que em seu patrio idioma foi tam bella,  
A ti só, que o quizeste, imputa o êrro,  
Nem acoimes á lingua tam formosa  
O desprimor e as faltas do poeta.

Juncto aos valles de Tempe, amena estancia,  
Mansão querida de Pomona e Flora,  
O joven Hylas, Égle inda mais joven,  
Ambos loucos d'amor, o amor se occultam.  
A um terno olhar suas fallas se limitam,  
Sua chamma constrangida não se exhala:  
O innocente pastor fallar não ousa,  
Nem, que fallasse, a simples o intendêra.  
Mas tarde ou cedo, se o desejo a inflamma,  
Amestram a innocencia amor e a idade.  
Tirou-os d'este nada em que jaziam  
O acaso um dia. Á sombra da espessura,  
Tam bella, ou mais que amor, Égle dormia,  
Hylas a encontra, e os olhos namorados  
Para admirá-la não lhe bastam ambos.  
—'Vénus' exclama 'eu tibio em teu serviço  
Ouso implorar-te: dá-me que estes labios,  
Em quanto aqui na relva Égle descança,  
Possam nos seus colhêr suave beijo.  
E eu te juro, ó divina Cytherea,  
Que em trôco lhe darei dois mansos pombos  
Muito mais lindos que os que tens em Chypre.'

O voto fez-se; o beijo foi colhido:  
Fingido somno aproveitou á bella,  
E, á noite o preço recebeu do voto.

Veio outro dia, e Égle a dormir sempre...  
Mas não dorme o pastor:—‘Deus dos amores,  
Ves alli quanto adoro n’este mundo.  
Ah, de tanta belleza, tantas graças  
Consente que uma só eu gose ao menos.  
Se eu pudesse—sem que Égle o presentisse,  
Sob o lenço invejoso ir co’a mão trémula  
Tocar n’aquelles candidos thesoiros,  
Dar-lhe-hia pelo roubo—tam secreto!  
O cordeirinho que entre os meus mais quero.  
Oh! adormece, amor, Égle formosa!’

O mais profundo somno Hylas encontra.  
Viu, tocou, apalpou, beijou cem vezes  
O seio d’Égle, que retém manhosa  
Até o respirar, e a somno sôlto  
Mais dormia... quanto elle mais velava.

Custou-lhe no outro dia a vir ao bosque,  
Timida ainda e vergonhosa a bella;  
Mas veio emfim... Foi só curiosidade,  
Tinha curiosidade—era o que tinha—  
De saber que presente aquelle dia  
Lhe faria o pastor; veio. Após ella  
Hylas veio também:—‘Eternos deuses,  
Aqui a incontro! Oh concedei-me agora  
Um último favor, que nos seus braços  
Eu gose emfim dos seus incantos todos.  
Ah! vós bem o sabeis: eu nada tenho,  
Mais nada ja do que o meu cão—e dou-lh’o.’

Oh que pesado somno Égle dormia!  
E é bem de crer que o instante em que o mancebo  
No extasi do prazer fechára os olhos,  
Os lindos olhos d'Égle não se abriram.  
Mas o sonho acabou... e despertaram.  
O pastor imbrenhou-se na espessura  
E o cãozinho fiel ficou co'a bella.

Incontraram-se á tarde, invergonhados...  
A pastora corou, elle suspira...  
Sós se achavam, sem medo, sem receios...  
Ao amante acordada Égle se intrega,  
Acha mais doce não dormir agora,  
E toda a imbriaguez do amor conhece:  
Quantos dons do pastor Égle recebe,  
Com dulcissima usura os restitue.

Mas as antigas dadivas pesavam  
Á pastora gentil:—‘Sei que te devo  
Duas pombinhas que uma vez me déste.  
E se me ellas fugirem! vivo sempre  
N'este receio! Toma-as lá, e o preço  
Que por ellas te dei também m'o torna.’  
Surriu-se o joven, e pagou-as... ambas.

Um momento depois o cordeirinho  
Á pastora lembrou:—‘Tanto te quero,  
E heide-te privar do que mais amas?  
Tam bonito! era a tua companhia,  
Comia-te nas mãos! Nada, não quero:  
Recebe-o, que t’o dou.’ E o cordeirinho  
Foi restituído.—O cão só lhe restava:  
Novas razões, e emfim ordem por fôrça  
De acceitar outra vez o seu rafeiro:  
—‘Não tens mais que um, é o guarda do rebanho,  
Recebe-o, doce amante, e ainda emcima,  
De fóraparte te heide dar um beijo.  
Eu não quero mais dadivas, querido;  
Com o teu coração estou contente.’

Oh! taes dons para dar custaram pouco.  
Mas o preço da intrega era dobrado ...  
O pastor affroixou, negocio serio  
Veio porfim a ser o tal brinquedo.  
Aopé de Égle acordada Hylas dormia...  
E ella, que mais pretextos ja não tinha,  
A suspirar dizia tristemente:  
—‘Não me dar elle todo o seu rebanho!’

Coimbra—1821.

## **SONETOS.**



**I.**  
**PORFIA D'AMOR.**

D'entorno á arvorezinha que murchára  
Se affadiga o cultor esperançoso;  
Invisca as varas caçador teimoso  
Armando ao passarinho que escapára;

Porfiado rompe com a dextra avara  
As intranhas da terra o cubiçoso;  
Sua co'a bomba o nauta pressuroso  
Por estancar a nau que lhe arrombára.

Mas larga cadaqual desesperado,  
Quebra furioso o inutil instrumento  
Se o continuo trabalho ve baldado.

Só eu, com desinganos cento e cento,  
Só eu, por Délia sempre desprezado,  
Teimo cadavez mais no meu tormento.

Angra—1814.

## II. CAMÕES NÁUFRAGO.

Cedendo á furia de Neptuno irado  
Sossobra a nau que o gran'thesouro incerra;  
Lucta co'a morte na espumosa serra  
O divino cantor do Gama ousado.

Ai do canto mimoso a Lysia dado!...  
Camões, grande Camões, embalde a terra  
Teu braço forte, nadador afferra  
Se o canto lá ficou no mar salgado.

Chorae, Lusos, chorae! Tu morre, ó Gama,  
Foi-se a tua glória... Não; lá vai rompendo  
Co'a dextra o mar, na sestra a lusa fama.

Eterno, eterno ficará vivendo:  
E a torpe inveja, que inda agora brama,  
No abysmo cahirá do Averno horrendo.

Angra—1815.

**III.**  
**A UMA FEIA COM LINDA VOZ.**

Quando Orpheu pela espôsa suspirada  
Desceu co'a maga lyra ao reino escuro,  
Incantado Plutão ferrenho e duro  
De júbilo exultou na atroz morada.

—‘Furias,’ clamou ‘e turba condemnada,  
Quero tudo a cantar; do mais não curo.  
Ralhe Jove ou não ralhe, eu voto e juro  
Que não heide ouvir mais ésta assoada.’

Eis impunhando o açoite crepitante  
Rege Megera o condemnado côro,  
Cantando em doce voz pura e tocante.

Ah! quando te oiço, ó N—y, o som canoro,  
E arrebatado attento em teu semblante,  
Um milagre d’Orpheu no Averno adoro.

Lisboa—1816.

**IV.**  
**‘SUFFOQUE AS ÍRAS, CALLE E SINTA E GEMA’**

Se d’uns olhos gentis, d’um gesto brando,  
D’um sorrir desdenhoso innamorado,  
Imprega o triste amante o seu cuidado  
Em quem das leis d’amor se vai zombando;

De tormento em tormento variando,  
Té o proprio queixume lhe é vedado:  
Ri-se a bella do mal que lhe ha causado,  
Dos ferros mofa que lhe vai forjando.

Pene emtanto o infeliz, suspire ao vento,  
Té de que o saiba a perfida se tema,  
Não lhe assome no labio um só lamento;

E ao som da ferrea, da cruel algema,  
Martyr de seu inutil soffrimento  
‘Suffoque as íras, calle e sinta e gema.’

Porto—1817.

**V.**  
**‘É DOS OLHOS GENTIS DA MINHA AMADA.’**

Um prodigio d’incantos, de belleza  
Es, ó mãe dos ternissimos amores,  
Que, em teus labios, seus aureos passadores  
Hervam, seguros de acertar a prêza.

Fulge em teus olhos divinaes accesa  
A tocha dos desejos seductores;  
Em ti de seus esmeros, seus primores,  
O thesoiro esgotou a natureza.

Mas oh, por mais que arte divina estude,  
Não te dá da innocencia a flor nevada  
Que se não finge, nem fingida illude!

Esse dom virginal que tanto agrada  
É só mimo da candida virtude,  
‘É dos olhos gentis da minha amada.’

Porto—1817.

**VI.**  
**‘NAS FROIXAS, DEBEIS AZAS DA SAUDADE.’**

Esses muros que amor, razão despreza,  
Que ergueu do fanatismo a voz trovosa,  
Deixa, ó Nise gentil, deixa-os, vaidosa  
De escutares a voz da natureza.

Crê no teu coração; não é fraqueza  
Fugir aos males para ser ditosa:  
Ja nos meus braços a ventura anciosa  
Espera, com amor, tua belleza.

Vem, não oiças conselhos fementidos,  
Ouve amor, a razão, a liberdade,  
E a virtude e o prazer verás unidos.

Farás minha cabal felicidade,  
Nem teus votos verás sempre perdidos  
‘Nas froixas, debeis azas da saudade.’

Porto—1817.

**VII.**  
**O CAMPO DE SANCT'ANNA.**

Longe, hypocritas vis, longe, impostores,  
O mentido apparatus religioso!  
Que um deus d'amor, o nosso Deus piedoso  
Abomina, detesta esses horrores.

De atrozes leis cruentos guardadores,  
Vós curvais ante o despota orgulhoso,  
E o sangue da patria precioso  
Torpemente vendeis por seus favores.

Geme sem proctetor a humanidade:  
E vós, juizes, vós, tigres humanos,  
A immolais sem remorso e sem piedade.

Ah! tremei, sanguinarios deshumanos;  
Que ella hade vir, tremei, a Liberdade  
Punir despotas, bonzos e tyrannos.

Coimbra—1817.

**VIII.**  
**‘VIRTUDE SEM PRAZER NÃO É VIRTUDE’**

Deixa, eu t’o rogo, deixa, Annalia minha,  
Duros preceitos de moral sombria;  
Fingiu-os a traidora hypocrisia  
Que detrás d’elles, a zombar, se aninha.

Leis de tartufos, invenção danninha  
Que protege a impostura e o vício cria,  
O egoismo as dictou, funesta harpia  
Que as horas do gosar nos amesquinha.

A mão da natureza, a mão sublime  
O gran’sêllo forjou na eterna incude  
Com que o signal de falsas lhes imprime.

O coração m’o diz, que não illude:  
Crime sem dor, Annalia, não é crime,  
‘Virtude sem prazer não é virtude.’

Coimbra—1818.



**IX.**  
**A FLOR SÊCCA.**

Vai, flor gentil, vai prenda suspirada,  
Doce mimo d'amor terno e fagueiro,  
Vai, que elle mesmo grato e prazenteiro  
Elle te hade levar á minha amada.

Cumpre a que ella te impoz, que é lei sagrada:  
Se mudada te achar, sem côr, sem cheiro,  
Se o viço, a gala do verdor primeiro  
Em tuas pallidas folhas vir crestada,

Diz-lhe que mais que a ti, mais me queimára  
O intenso ardor d'aquella saudade  
Que a ambos n'este estado nos deixára.

Oh! se um benigno influxo de piedade  
De seus formosos olhos te orvalhára...  
Qual de nós ambos reviver não hade?

Porto—1819.

**X.**  
**A CERTA TRAGEDIA.**

Mil parabens á musa portugueza  
Que do padre José fulgiu na penna!  
Cai a velha Melpomene da scena,  
Foi-se a tragedia grega e a franceza.

Sóphocles pôz-se a dar voltas d'Andreza,  
Euripedes está de quarentena,  
Corneille indoudeceu de inveja e pena,  
Crebillon foi queimar o Atreu e a mesa;

Racine professou nos Mariannos,  
Voltaire está a leites de jumenta,  
Alfieri vai fazer sonetos de annos.

Victorioso o padre a Branca ostenta:  
Só por vencer lhe restam dois maganos...  
Mas temiveis rivaes—Paiva e Pimenta.

Coimbra—1819.

**XI.**  
**MARIA E CAROLINA.**

Que hade brindar á amavel Carolina  
Pelos seus annos a gentil Maria?  
Tam franca de seus dons, ao dar-lhe o dia,  
Não deixou que outorgar-lhe a mão divina.

Qual de ambas póde haver offerta dina  
De quantas liberal natura cria?  
Que gera o loiro sol ou que allumia  
Que encha os desejos d'alma peregrina?

A amigas taes, ao par que me innamora  
Ja não tem que lhes dar a humanidade,  
Por mais que seus thesoiros aprimora.

Amor, divino amor, doce amizade,  
Nunes do coração, valei-me agora:  
Dae-lhes, pois deuses sois, a eternidade.

Porto—1819.

## **XII.**

### **SAUDADE.**

Seculos são, na vida que infastia,  
Estes dias de exilio amargurados;  
Um por um, mágoa a mágoa, vão contados  
Em lenta e cruellissima agonia.

Oh! roubemos-lhe aomenos este dia,  
Ao padecer que todos trás roubados;  
Sejam pela amizade consagrados  
Ao casto amor instantes de alegria.

Tem prazeres tambem a desventura:  
A propria carrancuda adversidade  
Surri co'a esp'rança que lhe luz futura.

Vem, amigo, no seio da amizade  
Festeja a espôsa, sonha co'a ventura  
Que um dia hade mattar tanta saudade.

Londres—1828.

**ULTIMOS VERSOS.  
FOLHAS CAHIDAS.**

## **DOS EDITORES.**

Cumpre-se a promessa feita no primeiro volume d'esta collecção reunindo aqui, em segunda edição muito augmentada e correcta, as FOLHAS CAHIDAS.

Apezar de estarem no prelo desde 1851, o auctor tinha descuidado na primeira edição o seu habitual escrupulo de rever e corrigir; e não teve paciencia para as augmentar com muitas peças que agora vão, e que então não estavam postas a limpo. Trabalhos mais serios o distrahiram durante os dois annos que levaram a imprimir tam poucas paginas.

Julgou-se agora melhor dividir em dois livros o que, assim augmentado, ficaria demaziado para um só.

Maio—1853.

## ADVERTENCIA.<sup>[10]</sup>

Antes que venha o hynverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por ahi cahiram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memoria.

A outros versos chamei eu ja as últimas recordações de minha vida poetica. Inganei o público, mas de boa fe, porque me inganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro—ás vezes imaginario, porque ninguem os coroa.

Eu pouco mais tinha de vinte annos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os ultimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se rirem, teem razão; mas saibam que eu tambem primeiro me ri d'elles. Poeta na primavera, no estio e no outomno da vida, heide sê-lo no hynverno se lá chegar, e heide sê-lo em tudo. Mas d'antes cuidava que não, e n'isso ia o êrro.

Os cantos que formam ésta pequena collecção pertencem todos a uma epocha de vida íntima e recolhida que nada tem com as minhas outras collecções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta deante do público. Das FOLHAS CAHIDAS ninguem tal dirá, ou bem pouco intende de stylos e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gósto mais d'elles do que de nenhuns outros que fizesse. Porque? É impossivel dizê-lo, mas é verdade. E como nada são por elle nem para elle, é provavel que o público sinta bem diversamente do auctor. Que importa?

Apezar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrário, parece-me que o melhor e mais recto juiz que póde ter um escriptor, é elle proprio, quando o não cega o amor proprio. E eu sei que tenho os olhos abertos, aomenos agora.

Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos; mas o sentimento paterno não

impede de ver os defeitos das crianças.

Emfim, eu não queimo estes. Consagrei-os *ignoto deo*. E o deus que os inspirou que os anniquille se quizer: não me julgo com direito de o fazer eu.

Ainda assim, no *ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia-velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia paraque todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquelle mysterioso, occulto e não-definido sentimento d'alma que a leva ás aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta.

Imaginação que porventura se não realisa nunca. E d'ahi quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta demais. Saude, riqueza, miseria, pobreza, e ainda coisas mais materiaes, como o frio e o calor, não são senão estados comparativos, approximativos. Ao infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a elle.

Logo o poeta é louco, porque aspira sempre ao impossivel. Não sei. Essa é uma disputação mais longa.

Mas sei que as presentes FOLHAS CAHIDAS representam o estado d'alma do poeta nas variadas, incertas e vacillantes oscillações do espirito que, tendendo ao seu fim unico, a posse do IDEAL, ora pensa tê-lo alcançado, ora estar a ponto de chegar a elle—ora ri amargamente porque reconhece o seu ingano—ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade van.

Deixae-o passar, gente do mundo, devotos do podêr, da riqueza, do mando, ou da glória. Elle não intende bem d'isso, e vós não entendeis nada d'elle.

Deixae-o passar, porque elle vai onde vós não ides; vai, ainda que zombeis d'elle, que o callunieis, que o assacineis. Vai, porque é espirito, e vós sois materia.

E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e se uniu convosco. E essa falta que é a mesma de Adam, tambem será punida com a morte.

Mas não triumpheis, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quasi nada no poeta.

Janeiro—1853.

---



## NOTAS DE RODAPÉ:

[\[10\]](#) Do auctor na primeira edição.

# **FOLHAS CAHIDAS.**

## **LIVRO PRIMEIRO.**

---

### **I.**

#### **IGNOTO DEO**

**D. D. D.**

Creio em ti, Deus: a fe viva  
De minha alma a ti se eleva.  
Es:—o que es não sei. Deriva  
Meu ser do teu: luz... e treva,  
Em que—indistinctas!—se envolve  
Este espirito agitado,  
De ti vem, a ti devolve.  
O Nada, a que foi roubado  
Pelo sôpro creador  
Tudo o mais, o hade tragar.  
Só vive de eterno ardor  
O que está sempre a aspirar  
Ao infinito d'onde veio.  
Belleza es tu, luz es tu,  
Verdade es tu só. Não creio  
Senão em ti; o ôlho nu  
Do homem não ve na terra  
Mais que a dúvida a incerteza,  
A fórma que ingana e erra.  
Essencia! a real belleza,  
O puro amor—o prazer  
Que não fatiga e não gasta...  
Só por ti os póde ver  
O que inspirado se affasta,

Ignoto Deus, das ronceiras,  
Vulgares turbas: despídos  
Das coisas vans e grosseiras  
Sua alma, razão, sentidos,  
    A ti se dão, em ti vida,  
E por ti vida teem. Eu, consagrado  
A teu altar, me prostro e a combatida  
Existencia aqui ponho, aqui votado  
Fica este livro—confissão sincera  
Da alma que a ti voou e em ti só spera.

## **II.**

### **ADEUS!**

Adeus! para sempre adeus!  
Vai-te, oh! vai-te, que n'esta hora  
Sinto a justiça dos ceus  
Esmagar-me a alma que chora.  
Chóro porque não te amei,  
Chóro o amor que me tiveste;  
O que eu perco, bem n'ó sei,  
Mas tu... tu nada perdeste:  
Que este mau coração meu  
Nos secretos escaninhos  
Tem venenos tam damninhos  
Que o seu podêr só sei eu.

Oh! vai... para sempre adeus!  
Vai, que ha justiça nos ceus.  
Sinto gerar na peçonha  
Do ulcerado coração  
Essa vibora medonha  
Que por seu fatal condão  
Hade rasgá-lo ao nascer:  
Hade sim, serás vingada,  
E o meu castigo hade ser  
Ciume de ver-te amada,  
Remorso de te perder.

Vai-te, oh! vai-te, longe, embora,  
Que sou eu capaz agora  
De te amar.—Ai! se eu te amasse!  
Vê se no arido pragal  
D'este peito se ateasse  
De amor o incendio fatal!  
Mais negro e feio no inferno  
Não chammeja o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso?—Ai, triste!  
Não sabes o que pediste.  
Não te bastou supportar  
O cepo-rei; impaciente  
Tu ousas a deus tentar  
Pedindo-lhe o rei-serpente!

E cuidas amar-me ainda?  
Inganas-te: é morta, é finda,  
Dissipada é a illusão.  
Do meigo azul de teus olhos  
Tanta lagryma verteste,  
Tanto esse orvalho celeste  
Derramado o viste em vão  
N'esta seara de abrolhos,  
Que a fonte seccou. Agora  
Amarás... sim hasde amar,  
Amar deves... Muito embora...  
Oh! mas n'outro hasde sonhar  
Os sonhos de oiro incantados  
Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo... eu se o verei?  
Se em meus olhos incovados  
Der a luz de teus ardores...  
Se com ella cegarei?  
Se o nada d'essas mentiras  
Me entrar pelo vão da vida...  
Se, ao ver que feliz deliras,  
Tambem eu sonhar... Perdida,  
Perdida serás—perdida.

Oh! vai-te, vai, longe, embora!  
Que te lembre sempre e agora  
Que não te amei nunca... ai! não;  
E que pude a sangue frio,  
Covarde, infame, villão,  
Gosar-te—mentir sem brio,  
Sem alma, sem dó, sem pejo,  
Commettendo em cada bejo  
Um crime... Ai! triste, não chores,  
Não chores, anjo do ceu,  
Que o deshonrado sou eu.

Perdoar-me tu?... Não mereço.  
A immundo cerdo voraz  
Essas perolas de preço  
Não as deites: é capaz  
De as desprezar na torpeza  
De sua bruta natureza.  
Irada, te hade admirar,  
Despeitosa, respeitar,  
Mas indulgente... Oh! o perdão  
É perdido no villão,  
Que de ti hade zombar.

Vai, vai... para sempre adeus!  
Para sempre aos olhos meus  
Sumido seja o clarão  
De tua divina estrêlla.  
Faltam-me olhos e razão  
Para a ver, para intendê-la:  
Alta está no firmamento  
Demais, e demais é bella  
Para o baixo pensamento  
Com que em má hora a fitei;  
Falso e vil o incantamento  
Com que a luz lhe fascinei.  
Que volte a sua beleza  
Do azul do ceu á pureza,  
E que a mim me deixe aqui  
Nas trevas em que nasci,  
Trevas negras, densas, feias,  
Como é negro este aleijão  
D'onde me vem sangue ás veias,  
Este que foi coração,  
Este que amar-te não sabe  
Porque é só terra—e não cabe  
N'elle uma idea dos ceus...  
Oh! vai, vai; deixa-me, adeus!

### III.

#### QUANDO EU SONHAVA.

Quando eu sonhava, era assim  
Que nos meus sonhos a via;  
E era assim que me fugia,  
Apenas eu despertava,  
Essa imagem fugidia  
Que nunca pude alcançar.  
Agora que estou desperto,  
Agora a vejo fixar...  
Paraquê?—Quando era vaga,  
Uma idea, um pensamento,  
Um raio de estrêlla incerto  
No immenso firmamento,  
Uma chymera, um vão sonho,  
Eu sonhava—mas vivia:  
Prazer não sabia o que era,  
Mas dor, não n'a conhecia...

.....



#### IV. AQUELLA NOITE!

Era a noite da loucura,  
Da seducção, do prazer,  
Que em sua mantilha escura  
Costuma tanta ventura,  
Tantas glórias esconder.  
Os felizes... e ai! são tantos!...  
—Eu por tantos os contava!  
Eu que o signal de meus prantos  
Do afflicto rosto lavava—  
Os felizes presumpçosos  
Iam nos coches ruidosos  
Correndo aos salões doirados  
De mil fogos alumiados,  
D’onde em torrentes sahia  
A clamorosa harmonia  
Que á festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruido  
Como o confuso bramar  
De um mar ao longe movido  
Que á praia vem rebentar:  
E disse commigo:—‘Vamos,  
Os luctos d’alma dispamos,  
Á festa heide ir tambem eu!’

E fui: e a noite era bella.  
Mas não vi a minha estrêlla  
Que eu sempre via no ceu:  
Cubriu-a de espesso véo  
Alguma nuvem a ella,  
Ou era que ja vendado  
Me levava o negro fado  
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,  
A funda melancholia  
Que todo o meu ser revia,  
Qual o atahude levado  
A egypcio festim, dizia:  
—‘Como vós fui eu tambem;  
Folgae, que a morte ahi vem!’  
Dizia-o, sim, meu semblante,  
Que, onde eu chegava, o prazer  
Cessava no mesmo instante;  
E o labio, que ia a dizer  
Doçuras de amor, gelava;  
E o riso, que ia a nascer  
Na face linda, expirava.  
Era eu—e a morte em mim,  
Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam bellas  
Ebrias de amor e desejos,  
Quantas vi saltar-lhe os bejos  
Da bôcca ardente e lasciva!  
E eu, que ia chegar-me a ellas...  
Para logo a fronte esquivava  
De recatos se envolvia  
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anhelante,  
Nu, ardente e palpitante  
Andavam como intregando  
Á cubiça mal-desperta,  
Gasta ja e desdenhosa,  
Dos que as estavam mirando  
Com vaga luneta incerta  
Que diz:—‘Aquella é formosa,  
Não se me dava de a ter.  
E esta? É só baroneza,  
Vale menos que a duqueza:  
Não sei a qual attender.’

E a isto chamam prazer!  
A grande ventura é ésta?  
Vale a pena vir á festa  
E vale a pena viver.  
Como então quiz á tristura  
Do meu viver isolado!  
Fique-se embora a ventura,  
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça.  
Senti-me crescer—e a frente  
Desanuviar-se contente  
Do feio negrume espesso  
Que assustava aquella gente.  
Logo os sorrisos cabiam  
Para o meu lado tambem:  
Ja como um dos seus me viam,  
Que em mim não viam ninguém.  
Eu, de olhos desincantados,  
A ellas, como as eu via!  
Meus enthusiasmos passados.  
Oh! como eu d’elles me ria!

Frio o sarcasmo sahia  
De meus labios descorados,  
E sem dó e sem pudor  
A todas fallei de amor...  
Do amor bruto, degradante  
Que no seio palpitante,  
Na espadua nua se accende...  
Amor lascivo que offende,  
Que faz corar... Ellas riam  
E oh que não, não se offendiam!

Mas a orchestra bradou alta:  
—‘Festa, festa! e salta, salta!’  
Os seus guizos delirantes  
Sacode louca a Folia...  
Adeus, requebros de amantes!  
Suspiros, quem n’os ouvia?  
As palavras meias dittas,  
Meias nos olhos escrittas,  
Voavam todas perdidas  
Dispersas, rotas no ar;  
Que se foram almas, vidas,  
Tudo se foi a walsar.

Quem é ésta que mais voltas  
Gyra, gyra sem cessar?  
Como as roupas leves, sôltas,  
Aerias leva a ondular  
Emtôrno á fóрма graciosa,  
Tam flexivel, tam airoso,  
Tam fina!—Agora parou,  
E tranquillá se assentou.  
Que rosto! Em linhas severas  
Se lhe desenha o profil;  
E a cabeça, tam gentil,  
Como se fôra devéras  
A rainha d’essa gente,  
Como a levanta insolente!  
Vive Deus! que é ella... aquella,  
A que eu vi na tal janella,  
E que triste me surria  
Quando passando me via  
Tam pasmado a olhar para ella.  
A mesma melancholia  
Nos olhos tristes—de luz  
Oblíqua, viva mas fria;  
A mesma alta intelligencia  
Que da face lhe transluz;  
E a mesma altiva impaciencia  
Que de tudo, tudo cança,  
De tudo o que foi, que é,  
E na erma vida só vê  
O raio da vaga espr’ança.

—‘Pois isto sim que é mulher’  
Disse eu—‘e aqui ha que ver.’

Ja vinha a pallida aurora  
Annunciando a manhan fria,  
E eu fallava e eu ouvia  
O que até áquella hora  
Nunca disse, nunca ouvi...

Toda a memoria perdi  
Das palavras proferidas...  
Não eram d'estas sabidas,  
Nem quaes eram não n'o sei...  
Sei que a vida era outra em mim,  
Que era outro ser o meu ser,  
Que uma alma nova me achei  
Que eu bem sabia não ter.

E d'ahi?—D'ahi, a historia  
Não deixou outra memoria  
D'essa noite de loucura,  
De seducção, de prazer...  
Que os segredos da ventura  
Não são para se dizer.

**V.**  
**O ANJO CAHIDO.**

Era um anjo de Deus  
Que se perdêra dos ceus  
E terra a terra voava.  
A setta que lhe acertava  
Partira de arco traidor,  
Porque as pennas que levava  
Não eram pennas de amor.

O anjo cahiu ferido,  
E se viu aos pés rendido  
Do tyranno caçador.  
De aza morta e sem splendor  
O triste, peregrinando  
Por estes valles de dor,  
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o anjo dos ceus,  
O abandonado de Deus.  
Vi-o, n'essa tropelia  
Que o mundo chama alegria.  
Vi-o a taça do prazer  
Pôr ao labio que tremia...  
E só lagrymas beber.

Ninguém mais na terra o via,  
Era eu só que o conhecia...  
Eu que já não posso amar!  
Quem n'ó havia de salvar?  
Eu, que n'uma sepultura  
Me fôra vivo interrar?  
Loucura! ai, cega loucura!  
Mas entre os anjos dos ceus  
Faltava um anjo ao seu Deus;  
E remi-lo e resgatá-lo,  
D'aquella infamia salvá-lo  
Só fôrça de amor podia.  
Quem d'esse amor hade amá-lo,  
Se ninguém o conhecia?

Eu só.—E eu morto, eu descrido,  
Eu tive o arrôjo atrevido  
De amar um anjo sem luz.  
Cravei-a eu n'essa cruz  
Minha alma que renascia,  
Que toda em sua alma puz.  
E o meu ser se dividia,

Porque elle outra alma não tinha,  
Outra alma senão a minha...  
Tarde, ai! tarde o conheci,  
Porque eu o meu ser perdi,  
E elle á vida não volveu...  
Mas da morte que eu morri  
Tambem o infeliz morreu.



## VI. O ALBUM.

Minha Julia, um conselho de amigo;  
Deixa em branco este livro gentil:  
Uma só das memorias da vida  
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silencio gravada  
Pelas mãos do mysterio hade ser;  
Que não tem lingua humana palavras,  
Não tem lettra que a possa escrever.  
Por mais bello e variado que seja  
De uma vida o tecido matiz,  
Um só fio da tella bordada,  
Um só fio hade ser o feliz.

Tudo o mais é illusão, é mentira,  
Brilho falso que um tempo seduz,  
Que se apaga, que morre, que é nada  
Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos  
Dos inganos que a espr'ança forjou?  
Vãos reflexos de um sol que tardava  
Ou vans sombras de um sol que passou!

Crê-me, Julia: mil vezes na vida  
Eu co'a minha ventura sonhei;  
E uma só, d'entre tantas, o juro,  
Uma só com verdade a incontrei.

Essa entrou-me pela alma tam firme,  
Tam segura por dentro a fechou,  
Que o passado fugiu da memoria,  
Do porvir nem desejo ficou.  
Toma pois, Julia bella, o conselho;  
Deixa em branco este livro gentil,  
Que as memorias da vida são nada,  
E uma só se conserva entre mil.

## **VII.**

### **SAUDADES**

Leva este ramo, Pepita,  
De saudades portuguesas;  
É flor nossa, e tam bonita  
Não n'a ha n'outras vezes.

Seu perfume não seduz,  
Não tem variado matiz,  
Vive á sombra, fuge á luz,  
As glórias d'amor não diz;  
Mas na modesta belleza  
De sua melancholia  
É tam suave a tristeza,  
Inspira tal sympathia!..

E tem um dote ésta flor  
Que de outra igual se não diz:  
Não perde viço ou frescor  
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce  
Com tudo o que as outras matta;  
Até ás vezes mais cresce  
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,  
Que te não devo esconder:  
Plantada no coração,  
Toda outra flor faz morrer.

E, se o quebra e despedaça  
Com as raízes mofinas,  
Mais ella tem brilho e graça,  
É como a flor das ruínas.  
Não, Pepita, não t'a dou...  
Fiz mal em dar-te essa flor,  
Que eu sei o que me custou  
Trattá-la com tanto amor.

## VIII.

### ESTE INFERNO DE AMAR.

Este inferno de amar—como eu amo!  
Quem m’o pôs aqui n’alma... quem foi?  
Ésta chamma que alenta e consome,  
Que é a vida—e que a vida destroi—  
Como é que se veio a atear,  
Quando—ai quando se hade ella apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,  
A outra vida que d’antes vivi  
Era um sonho talvez...—foi um sonho—  
Em que paz tam serena a dormi!  
Oh! que doce era aquelle sonhar...  
Quem me veio, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso  
Eu passei... dava o sol tanta luz!  
E os meus olhos, que vagos gyravam,  
Em seus olhos ardentes os puz.  
Que fez ella? eu que fiz?—Não n’o sei;  
Mas n’essa hora a viver comecei...

## IX. DESTINO.

Quem disse á estrêlla o caminho  
Que ella hade seguir no ceu?  
A fabricar o seu ninho  
Como é que a ave apprendeu?  
Quem diz á planta:—‘Florece!’  
E ao mudo verme que tece  
Sua mortalha de seda  
Os fios quem lh’os inreda?

Insinou alguém á abelha  
Que no prado anda a zumbir  
Se á flor branca ou se á vermelha  
O seu mel hade ir pedir?  
Que eras tu meu ser, querida,  
Teus olhos a minha vida,  
Teu amor todo o meu bem...  
Ai! não m’o disse ninguém.

Como a abelha corre ao prado,  
Como no ceo gyra a estrêlla,  
Como a todo o ente o seu fado  
Por instincto se revella,  
Eu no teu seio divino  
Vim cumprir o meu destino...  
Vim, que em ti só sei viver,  
Só por ti posso morrer.

**X.**  
**GÔSO E DOR.**

Se estou contente, querida,  
Com ésta immensa ternura  
De que me enche o teu amor?  
—Não. Ai! não; falta-me a vida,  
Succumbe-me a alma á ventura:  
O excesso do gôso é dor.

Doe-me alma, sim; e a tristeza  
Vaga, inerte e sem motivo,  
No coração me poisou.  
Absorto em tua belleza,  
Não sei se morro ou se vivo,  
Porque a vida me parou.

É que não ha ser bastante  
Para este gosar sem fim  
Que me inunda o coração.  
Tremo d'elle, e delirante  
Sinto que se exhaure em mim  
Ou a vida—ou a razão.

**XI.**  
**PERFUME DA ROSA.**

Quem bebe, rosa, o perfume  
Que de teu seio respira?  
Um anjo, um sylpho? Ou que nume  
Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,  
De seu throno te ajoelha,  
E esse nectar incantado  
Bebe occulto, humilde abelha?

—Ninguem?—Mentiste: essa frente  
Em languidez inclinada,  
Quem t'a pôs assim pendente?  
Dize, rosa namorada.

E a côr de purpura viva  
Como assim te desmaiou?  
E essa pallidez lasciva  
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tam duros  
Tinhas na rama lustrosa,  
Com que magos esconjuros  
T'os desarmaram, ó rosa?

E porquê, na hástea sentida  
Tremes tanto ao pôr do sol?  
Porque escutas tam rendida  
O canto do rouxinol?



Que eu não ouvi um suspiro  
Sussurrar-te na folhagem?  
Nas aguas d'esse retiro  
Não espreitei a tua imagem?  
Não a vi afflictâ, anciada...  
—Era de prazer ou dor?—  
Mentiste, rosa, es amada.  
E também tu amas, flor.

Mas ai! se não for um nume  
O que em teu seio delira,  
Hade mattá-lo o perfume  
Que n'esse aroma respira.

## **XII.**

### **ROSA SEM ESPINHOS.**

Para todos tens carinhos,  
A ninguém mostras rigor!  
Que rosa es tu sem espinhos?  
Ai, que não te intendo, flor!

Se a borbuleta vaidosa  
A desdem te vai beijar,  
O mais que lhe fazes, rosa,  
É sorrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,  
Tam modesta em seu zumbir,  
Te diz:—‘Ó rosa vermelha,  
Bem me pódes acudir:

Deixa do caliz divino  
Uma gotta só libar...  
Deixa, é nectar peregrino,  
Mel que eu não sei fabricar...’

Tu de lástima rendida,  
De malditta compaixão,  
Tu á súplica atrevida  
Sabes tu dizer que não?

Tanta lástima e carinhos,  
Tanto dó, nenhum rigor!  
Es rosa e não tens espinhos!  
Ai! que não te intendo, flor.

**XIII.**  
**ROSA PALLIDA.**

Rosa pallida, em meu seio  
Vem, querida, sem receio  
Esconder a afflicta côr.  
Ai! a minha pobre rosa!  
Cuida que é menos formosa  
Porque desbotou de amor.

Pois sim... quando livre, ao vento,  
Sôlta de alma e pensamento,  
Forte de tua isempção,  
Tinhas na folha incendida  
O sangue, o calor e a vida  
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bella.  
Coitada, coitada d'ella,  
A minha rosa gentil!  
Coravam-n'a então desejos,  
Desmaiam-n'a agora os bejos...  
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!  
Inveja de quê, amores?  
Tu, que vieste dos ceus,  
Comparar tua belleza  
Ás filhas da natureza!  
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha!... de quê, vida?  
Vergonha de ser querida,  
Vergonha de ser feliz!  
Porquê?... porquê em teu semblante  
A pallida côr da amante  
A minha ventura diz?

Pois quando eras tam vermelha  
Não vinha zangão e abelha  
Emtôrno de ti zumbir?  
Não ouvias entre as flores  
Historias dos mil amores  
Que não tinhas, repetir?

Que hãode elles dizer agora?  
Que pendente e de quem chora  
É o teu languido olhar?  
Que a tez fina e delicada  
Foi, de ser muito bejada,  
Que te veio a desbotar?

Deixa-os: pallida ou corada,  
Ou isempta ou namorada,  
Que brilhe no prado flor.  
Que fulja no ceo estrêlla,  
Ainda é ditosa e bella  
Se lhe dão só um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio  
Vem, querida, sem receio  
Vem a frente reclinar.  
Que pallida estás, que linda!  
Oh! quanto mais te amo ainda  
Des que te fiz desbotar.

**XIV.**  
**FLOR DE VENTURA.**

A flor de ventura  
Que amor me intregou,  
Tam bella e tam pura  
Jamais a creou:

Não brota na selva  
De inculto vigor,  
Não cresce entre a relva  
De virgem frescor;

Jardins de cultura  
Não póde habitar  
A flor de ventura  
Que amor me quiz dar.

Semente é divina  
Que veio dos ceus;  
Só n'alma germina  
Ao sôpro de Deus.

Tam alva e mimosa  
Não ha outra flor;  
Uns longes de rosa  
Lhe avivam a côr;

E o aroma... Ai! delirio  
Suave e sem fim!  
É a rosa, é o lirio.  
É o nardo, o jasmim;

É um philtro que apura,  
Que exalta o viver,  
E em doce tortura  
Faz de âncias morrer.

Ai! morrer... que sorte  
Bemditta de amor!  
Que me leve a morte  
Bejando-te, flor.

**XV.**  
**BELLA D'AMOR.**

Pois essa luz scintillante  
Que brilha no teu semblante  
D'onde lhe vem o splendor?  
Não sentes no peito a chamma  
Que aos meus suspiros se inflamma  
E toda reluz de amor?

Pois a celeste fragancia  
Que te sentes exhalar,  
Pois, dize, a ingenua elegancia  
Com que te ves ondular,  
Como se baloiça a flor  
Na primavera em verdor.  
Dize, dize: a natureza  
Póde dar tal gentileza?  
Quem t'a deu senão amor?

Vê-te a esse espelho, querida,  
Ai! vê-te por tua vida,  
E diz se ha no ceo estrêlla,  
Diz-me se ha no prado flor  
Que Deus fizesse tam bella  
Como te faz meu amor.

**XVI.**  
**OS CINCO SENTIDOS.**

São bellas—bem o sei, essas estrêllas,  
Mil côres—divinaes têm essas flores;  
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:  
    Em toda a natureza  
    Não vejo outra belleza  
    Senão a ti—a ti!

Divina—ai! sim, será a voz que affina  
Saudosa—na ramagem densa, umbrosa.  
Será; mas eu do rouxinol que trina  
    Não oiço a mellodia,  
    Nem sinto outra harmonia  
    Senão a ti—a ti!

Respira—n'aura que entre as flores gyra,  
Celeste—incenso de perfume agreste.  
Sei... não sinto: minha alma não aspira,  
    Não percebe, não toma  
    Senão o doce aroma  
    Que vem de ti—de ti!

Formosos—são os pomos saborosos,  
É um mimo—de nectar o racimo:  
E eu tenho fome e sêde... sequiosos,  
    Famintos meus desejos  
    Estão... mas é de bejos,  
    E so de ti—de ti!



Macia—deve a relva luzidia  
Do leito—ser porcerto em que me deito.  
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia  
Sentir outras carícias,  
Tocar n'outras delicias  
Senão em ti—em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos  
Todos n'um confundidos,  
Sentem, ouvem, respiram;  
Em ti, por ti deliram.  
Em ti a minha sorte,  
A minha vida em ti;  
E quando venha a morte,  
Será morrer por ti.

**XVII.**  
**ROSA E LIRIO.**

A rosa  
É formosa;  
Bem sei.  
Porque lhe chamam—flor  
D'amor,  
Não sei.

A flor,  
Bem de amor  
É o lirio;  
Tem mel no aroma,—dor  
Na côr  
O lirio.

Se o cheiro  
É fagueiro  
Na rosa,  
Se é de beleza... mor  
Primor  
A rosa,

No lirio  
O martyrio  
Que é meu  
Pintado vejo:—côr  
E ardor  
É o meu.

A rosa  
É formosa,  
Bem sei...  
E será de outros flor  
D'amor...  
Não sei.

**XVIII.**  
**COQUETTE DOS PRADOS.**

Coquette dos prados,  
A rosa é uma flor  
Que inspira e não sente  
O incanto d'amor.

De purpura a vestem  
Os raios do sol;  
Suspiram por ella  
Ais do rouxinol:

E as galas que traja  
Não as agradece,  
E o amor que accende  
Não o reconhece.

Coquette dos prados  
Rosa, linda flor,  
Porquê, se o não sentes,  
Inspiras amor?

## **XIX.**

### **CASCAES**

Acabava alli a terra  
Nos derradeiros rochedos,  
A deserta arida serra  
Por entre os negros penedos  
Só deixa viver mesquinho  
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados  
Sopravam rijos na rama,  
E os ceos turvos, annuviados,  
O mar que incessante brama...  
Tudo alli era braveza  
De selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,  
Entre uns juncos mal-medrados,  
Sêcco o rio, sêcca a fonte,  
Hervas e matos queimados,  
Ahi n'essa bruta serra,  
Ahi foi um ceo na terra.

Alli sós no mundo, sós,  
Sancto Deus! como vivemos!  
Como eramos tudo nós  
E de nada mais soubemos!  
Como nos folgava a vida  
De tudo o mais esquecida!

Que longos bejos sem fim,  
Que fallar dos olhos mudo!  
Como ella vivia em mim,  
Como eu tinha n'ella tudo,  
Minha alma em sua razão  
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias  
Contaram na eternidade:  
Que essas horas fugidias,  
Seculos na intensidade,  
Por millenios marca Deus  
Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim foi a tragos largos,  
Longos, fundos que a bebi  
Do prazer a taça:—amargos  
Depois... depois os senti  
Os travos que ella deixou...  
Mas como eu ninguem gosou.

Ninguem: que é preciso amar  
Como eu amei—ser amado  
Como eu fui; dar, e tomar  
Do outro ser a quem se ha dado,  
Toda a razão, toda a vida  
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai! que pesados annos  
Tardios depois vieram!  
Oh, que fataes desinganos,  
Ramo a ramo, a desfizeram  
A minha choça na serra,  
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vê-lo  
Aquelle sítio incantado;  
Certo estou não conhecê-lo,  
Tam outro estará mudado,  
Mudado como eu, como ella,  
Que a vejo sem conhecê-la!

Inda alli acaba a terra,  
Mas ja o ceo não começa:  
Que aquella visão da serra  
Sumiu-se na treva espessa,  
E deixou nua a bruteza  
D'essa agreste natureza.

**XX.**  
**ESTES SITIOS!**

Olha bem estes sitios queridos,  
Vê-os bem n'este olhar derradeiro...  
Ai! o negro dos montes erguidos,  
Ai! o verde do triste pinheiro!  
Que saudades que d'elles teremos...  
Que saudade! ai, amor, que saudade!  
Pois não sentes, n'este ar que bebêmos,  
No acre cheiro da agreste ramagem,  
Estar-se alma a tragar liberdade  
E a crescer de innocencia e vigor!  
Oh! aqui, aqui só se ingrinalda  
Da pureza da rosa selvagem,  
E contente aqui só vive Amor.  
O ar queimado das salas lhe escalda  
De suas azas o niveo candor,  
E na frente arrugada lhe cresta  
A innocencia infantil do pudor.  
E oh! deixar taes delicias como ésta!  
E trocar este ceo de ventura  
Pelo inferno da escrava cidade!  
Vender alma e razão á impostura,  
Ir saudar a mentira em sua côrte,  
Ajoelhar em seu throno á vaidade,  
Ter de rir nas angústias da morte,  
Chamar vida ao terror da verdade...  
Ai! não, não... nossa vida acabou,  
Nossa vida aqui toda ficou.  
Diz-lhe a adeus n'este olhar derradeiro,  
Dize á sombra dos montes erguidos,  
Dize-o ao verde do triste pinheiro,  
Dize-o a todos os sitios queridos  
D'esta ruda, feroz soledade,



Paraizo onde livres vivemos...  
Oh! saudades que d'elle teremos,  
Que saudade! ai, amor, que saudade!

**XXI.**  
**NÃO TE AMO.**

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.  
E eu n'alma—tenho a calma,  
A calma—do jazigo.  
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.  
E a vida—nem sentida  
A trago eu ja commigo.  
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero  
De um querer bruto e fero  
Que o sangue me devora,  
Não chega ao coração.

Não te amo. Es bella; e eu não te amo, ó bella.  
Quem ama a aziaga estrêlla  
Que lhe luz na má hora  
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,  
De mau feitiço azado  
Este indigno furor.  
Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto  
Que de mim tenho espanto,  
De ti medo e terror...  
Mas amar!... não te amo, não.

**XXII.**  
**NÃO ES TU.**

Era assim, tinha esse olhar,  
A mesma graça, o mesmo ar,  
Corava da mesma côr,  
Aquella visão que eu vi  
Quando eu sonhava de amor,  
Quando em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,  
O semblante pensativo,  
E uma suave tristeza  
Que por toda ella descia  
Como um veio que lhe envolvia,  
Que lhe adoçava a belleza.

Era assim; o seu fallar,  
Ingenuo e quasi vulgar,  
Tinha o poder da razão  
Que penetra, não seduz:  
Não era fogo, era luz  
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,  
No seio o mesmo perfume,  
Um cheiro a rosas celestes,  
Rosas brancas, puras, finas,  
Viçosas como boninas,  
Singelas sem ser agrestes.

Mas não es tu... ai! não es:  
Toda a illusão se desfez.  
Não es aquella que eu vi,  
Não es a mesma visão,  
Que essa tinha coração,  
Tinha, que eu bem lh'o senti.

## XXIII

### BELLEZA.

Vem do amor a Belleza,  
Como a luz vem da chamma.  
É lei da natureza:  
Queres ser bella?—ama.

Fórmás de incantar,  
Na tella o pincel  
As póde pintar;  
No bronze o buril  
As sabe gravar;  
E estátua gentil  
Fazer o cinzel  
Da pedra mais dura...

Mas Belleza é isso?—Não; só formosura.

Surrindo entre dores  
Ao filho que adora  
Inda antes de o ver,  
—Qual surri a aurora  
Chorando nas flores  
Que estão por nascer—

A mãe é a mais bella das obras de Deus,  
Se ella ama!—O mais puro do fogo dos ceus  
Lhe ateia essa chamma de luz crystallina:

É a luz divina  
Que nunca mudou,  
É luz... é a Belleza  
Em toda a pureza  
Que Deus a creou.

**XXIV.**  
**ANJO ES.**

Anjo es tu, que esse podêr  
Jamais o teve mulher,  
Jamais o hade ter em mim.  
Anjo es, que me domina  
Teu ser o meu ser sem fim;  
Minha razão insolente  
Ao teu capricho se inclina,  
E minha alma forte, ardente,  
Que nenhum jugo respeita,  
Covardemente sujeita  
Anda humilde a teu podêr.  
Anjo es tu, não es mulher.

Anjo es. Mas que anjo es tu?  
Em tua frente annuviada  
Não vejo a c'roa nevada  
Das alvas rosas do ceo.  
Em teu seio ardente e nu  
Não vejo ondear o veio  
Com que o soffrego pudor  
Vela os mysterios d'amor.  
Teus olhos têm negra a côr,  
Côr de noite sem estrêlla;  
A chamma é vivaz e é bella,  
Mas luz não tem.—Que anjo es tu?  
Em nome de quem vieste?  
Paz ou guerra me trouxeste  
De Jehovah ou Belsebú?

Não respondes—e em teus braços  
Com phreneticos abraços  
Me tens apertado, estreito!...  
Isto que me cai no peito  
Que foi?... Lagryma?—Escaldou-me...  
Queima, abraza, ulcéra... Dou-me,  
Dou-me a ti, anjo malditto,  
Que este ardor que me devora  
É ja fogo de precito,  
Fogo eterno, que em má hora  
Trouxeste de lá... De donde?  
Em que mysterios se esconde  
Teu fatal, estranho ser!  
Anjo es tu ou es mulher?

**XXV.**  
**VIBORA.**

Como a vibora gerado,  
No coração se formou  
Este amor amaldiçoado  
Que á nascença o espedaçou.

Para elle nascer morri;  
E em meu cadaver nutrido,  
Foi a vida que eu perdi  
A vida que tem vivido.



**FOLHAS CAHIDAS.**  
**LIVRO SEGUNDO.**

**I.**  
**BARCA BELLA.**

Pescador da barca bella,  
Onde vas pescar com ella,  
Que é tam bella,  
Oh pescador?

Não ves que a última estrêlla  
No ceo nublado se vela?  
Colhe a vela,  
Oh pescador!

Deita o lanço com cautella,  
Que a sereia canta bella...  
Mas cautella,  
Oh pescador!

Não se inrede a rede n'ella,  
Que perdido é remo e vela  
Só de vê-la,  
Oh pescador.

Pescador da barca bella,  
Inda é tempo, foge d'ella,  
Foge d'ella  
Oh pescador!

## II. A COROA.

Bem sei que é toda de flores  
Essa coroa d'amores  
Que na frente vais cingir.  
Mas é coroa—é reinado;  
E a pôsto mais arriscado  
Não se póde hoje subir.

N'esses reinos populosos  
Os vassallos revoltosos  
Tarde ou cedo dão a lei.  
Quem hade conter, domá-los,  
Se são tantos os vassallos  
E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,  
Para fugir essa estrella  
Que os reis persegue sem dó,  
Mais que um meio—fallo serio:  
É pôr limites ao imperio  
E ter um vassallo só.

### III. SINA.

Por todas quantas estrêllas  
Tem o ceo que possam mais,  
Pelas flores virginaes  
De que se c’roam donzellas,  
Pelas lagrymas singellas  
Que o primeiro amor derrama,  
Por aquella etherea chamma  
Que a mão de Deus accendeu  
E que na terra allumia  
Quanto ha na terra do ceu!  
Por tudo quanto eu queria  
Quando eu sabia querer,  
E por tudo quanto eu cria  
Quando me era dado crer!  
Bem fadada seja a vida  
Que por éstas folhas brancas<sup>[11]</sup>  
Sua historia hade escrever!  
Que as dores lhe venham mancadas  
E com azas o prazer!

Ésta sina que lhe dou,  
Bruxa não n’a adivinhou,  
Nem duende m’a insinou:  
Li-a eu por meu condão  
Em seus olhos innocentes,  
Transparentes—transparentes  
Até dentro ao coração.

**NOTAS DE RODAPÉ:**

[\[11\]](#) As folhas do album em que se escreveram estes versos.

#### **IV.**

#### **AI HELENA!**

Ai Helena! de amante e de espôso  
Ja o nome te faz suspirar,  
Ja tua alma singela presente  
Esse fogo de amor delicioso  
Que primeiro nos faz palpitar!...  
Oh! não vas, donzellinha innocente,  
Não te vas a esse ingano intregar:  
É amor que te illude e te mente,  
É amor que te hade mattar!  
Quando o sol n'estes montes desertos  
Deixa a luz derradeira apagar,  
Com as trevas da noite que espanta  
Véem os anjos do inferno incubertos  
A sua victima incauta affagar.  
Doce é a voz que adormece e quebranta,  
Mas a mão do traidor... faz gelar.  
Treme, foge do amor que te incanta,  
É amor que te hade mattar.

**V.**  
**THE ROSE—A SIGH.** <sup>[12]</sup>

If this delicious, grateful flower,  
Which blows but for a little hour,  
Should to the sight so lovely be,  
As from it's fragrance seems to me,  
A sigh must then it's colour show,  
For that is the softest joy I know.  
And sure the rose is like a sigh,  
Borne just to soothe and then—to die.

**NOTAS DE RODAPÉ:**

<sup>[12]</sup> By a young lady born blind.

**V.**  
**A ROSA—UM SUSPIRO**<sup>[13]</sup>

Se ésta flor tam bella e pura,  
Que apenas uma hora dura,  
Tem pintado no matiz  
O que o seu perfume diz,  
Por certo na linda côr  
Mostra um suspiro d'amor:  
Dos que eu chego a conhecer  
É este o maior prazer.  
E a rosa como um suspiro  
Hade ser; bem se discorre:  
Tem na vida o mesmo gyro,  
É um gôsto que nasce e—morre.

**NOTAS DE RODAPÉ:**

<sup>[13]</sup> Por uma menina cega de nascença.



**VI.**  
**RETRATTO.**  
**(N'UM ALBUM)**

Ah! despreza o meu retratto  
Que lhe eu queria aqui pôr!  
Tem medo que lhe desfeie  
O seu livro de primor?  
Pois saiba que por despique  
Eu sei tambem ser pintor:  
Co'esta penna por pincel,  
E a tinta do meu tinteiro,  
Vou fazer o seu retratto  
Aqui ja de corpo inteiro.

Vamos a isto.—Sentada  
Na cadeira 'moyen-âge,'  
O cabello en 'chatellaines,'  
As mangas sôltas.—É o traje.

Em longas pregas negras  
Caia o velludo e arraste;  
De si com desdem regio  
Com o pésinho o affaste...

N'essa attitude! Está bem:  
Agora mais um geitinho;  
A airosa cabeça a um lado  
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contornos, são estes,  
Nem Daguerre lh'os tira melhor.  
Este é o ar, ésta a 'pose,' eu lh'o juro,  
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difficil:  
Tirar feição por feição;  
Intendê-las, que é o ponto,  
E dar-lhe a justa expressão.

Os olhos são côr da noite,  
Da noite em seu começar,  
Quando inda é joven, incerta,  
E o dia vem de acabar;

Têm uma luz que vai longe,  
Que faz gôsto de queimar:  
É uma especie de lume  
Que serve só de abraçar.

Na bôcca há um sorriso amavel.  
Amavel é... mas queria  
Saber se é todo bondade  
Ou se meio é zombaria.

Ninguem m'o diz? O retratto  
Incompleto ficará,  
Que n'estas duas feições  
Todo o ser, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho  
É tudo o que n'elle fiz;  
E o que lhe falta—que é muito,  
Tambem o espelho o não diz.

## **VII.**

### **LUCINDA.**

Ergue a frente, lírio,  
Ergue a branca frente!  
O astro do delírio  
Já surgiu no oriente.

Ves, o sol ardente  
Lá caiu no mar;  
A frente pendente  
Ergue a respirar!

Alvo é o luar,  
Teu alvor não cresta;  
A hora de gosar,  
De viver é ésta.

Longa foi a sésta  
Longo o teu dormir;  
Ergue a branca testa,  
Tempo é de surgir!

Já se abre a sorrir  
Tua bôcca linda...  
Despertar, sentir  
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda  
Será o teu sonhar,  
Se a dormir, Lucinda,  
Te sentes amar.

## VIII. AS DUAS ROSAS.

Sôbre se era mais formosa  
A vermelha ou branca rosa,  
Ardeu seculos a guerra  
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jamais!  
Reinar ambas as rivais,  
Tambem não; e uma ceder  
Como hade ser?

Faltei eu lá na Inglaterra  
Para acabar com a guerra.  
Ei-las aqui bem eguaes,  
Mas não rivaes.

Atei-as em laço estreito:  
Que artista fui, com que geito!  
E oh! que lindas são, que amores  
As minhas flores!

Dirão que é cópia;—bem sei:  
Que todo inteiro o roubei  
Meu pensamento brilhante  
Do teu semblante...

Será. Mas se é tam bello  
Que lhe deem esse modello,  
Do meu quadro, na verdade,  
Tenho vaidade.

**IX.**  
**VOZ E AROMA.**

A brisa vaga no prado,  
Perfume nem voz não tem;  
Quem canta é o ramo agitado,  
O aroma é da flor que vem.

A mim, tornem-me essas flores  
Que uma a uma eu vi murchar,  
Restituam-me os verdores  
Aos ramos que eu vi seccar...

E em torrentes de harmonia  
Minha alma se exhalará,  
Ésta alma que muda e fria  
Nem sabe se existe já.

**X.**  
**SEUS OLHOS.**

Seus olhos—se eu sei pintar  
O que os meus olhos cegou—  
Não tinham luz de brilhar,  
Era chamma de queimar;  
E o fogo que a ateou  
Vivaz, eterno, divino,  
Como o facho do Destino.

Divino, eterno!—e suave  
Ao mesmo tempo: mas grave  
E de tam fatal podêr,  
Que, um só momento que a vi,  
Queimar toda alma senti...  
Nem ficou mais de meu ser,  
Senão a cinza em que ardi.

**XI.**  
**A DÉLIA.**

Cuidas tu que a rosa chora,  
Que é tammanha a sua dor,  
Quando, já passada a aurora,  
O sol, ardente de amor,  
Com seus bejos a devora?  
—Feche virgineo pudor  
O que inda é botão agora  
E ámanhan hade ser flor;  
Mas ella é rosa n'esta hora.  
Rosa no aroma e na côr.  
—Para ámanhan o prazer  
Deixe o que ámanhan viver.  
Hoje, Délia, é nossa a vida;  
Ámanhan... o que hade ser?  
A hora de amor perdida  
Quem sabe se hade volver?  
Não desperdices, querida,  
A duvidar e a soffrer  
O que é mal gasto da vida  
Quando o não gasta o prazer.

## **XII.**

### **A JOVEN AMERICANA.**

Donde é que te eu vi, donzella,  
E o que eras tu n'esta vida  
Quando não tinhas vestida  
A fôrma de virgem bella  
Que ora te vejo trajar?

Estrêlla foste no ceo,  
Serias no prado flor?  
Ou, no diaphano splendor  
De que Iris faz o seu veo,  
Estavas, Silpha, a bordar?

Não houve poeta ainda  
Que te não visse e cantasse,  
Mulher que não te invejasse,  
Nem pintor que a face linda  
Te não fôsse copiar.

Seculos tens.—E ah!... ja sei  
Quem es, quem foste e hasde ser:  
Bem te eu estava a conhecer  
Quando primeiro te olhei  
Sem te podêr estranhar.

Com Deus e co'a Liberdade  
De nossas terras fugiste  
Quando perdidos nos viste,  
E te foste á soledade  
Do novo-mundo acoitar.



Pois que ora piedosa vens  
E nos sentes resurgir,  
Oh! não tornes a fugir,  
Que melhor patria não tens  
Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos  
Hoje e sempre: teus amigos  
Somos na lealdade antigos,  
E no ardor novos seremos,  
No desvéllo em te adorar:

Porque tu es o Ideal  
Da só belleza—do Bem;  
Não es estranha a ninguém,  
E de ti só foge o mal  
Que te não póde encarar.

**XIII.**  
**ADEUS, MÃE!**

—‘Adeus, mãe! adeus, querida,  
Que eu ja não posso co’a vida,  
E os anjos chamam por mim.  
Adeus, mãe, adeus!... Assim,  
Juncta os teus labios aos meus,  
E recebe o último adeus

N’este suspiro... Não chores,  
Não chores: aquellas dores  
Ja sinto accalmar em mim.  
Adeus, mãe, adeus!... Assim,  
Juncta os teus labios aos meus...  
Um bejo—um último... Adeus!’

E o corpo desanimado  
No collo da mãe cahia;  
E ella o corpo... só pesado,  
Só mais pesado o sentia!  
Não se lamenta, não chora,  
E quasi a sorrir, dizia:  
—‘Que tem este filho agora,  
Que tanto pésa? Não posso...’  
E uma a uma, osso por osso,  
Com a mão trémula tenta  
As mãosinhas descarnadas,  
As faces cavas, myrradas,  
A testa inda morna e lenta.  
—‘Que febre, que febre!’ diz;  
E em tudo pensa a infeliz,  
Tudo que ha mau lhe ocorreu,  
Tudo—menos que morreu.  
Como nos gelos do norte  
O somno traidor da morte  
Ingana o desfallecido  
Que imagina adormecer,  
Assim cançado, esvahido  
De tam longo padecer,  
Ja não ha no coração  
Da mãe fôrça de sentir;  
Não tem ja lume a razão  
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,  
Que é tempo de despertar!  
Anda ver a eça armada,  
As luzes que ardem no altar.  
Ouves? É a rouca toada  
Dos padres a psalmear?...  
Vamos, que a hora é chegada,  
É tempo de o amortilhar.

E os anjos cantavam:

‘Alleluia!’

E os sanctos clamavam:

‘Hosanna!’

Ao triste cantar da terra

Responde o cantar do ceu;

Todos lhe bradam:—‘morreu!’

E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,

E os padres a rezar,

E ella ainda a accalentar

Nos braços o filho morto,

Que ja não tem mais confôrto,

Mais socêgo n’este mundo

Que o jazigo humido e fundo

Onde hade ir a sepultar.

Levae, ó anjos de Deus,

Levae essa dor aos ceus.

Com a alma do innocente

Aos pés do Juiz Clemente

Ahi fique a sancta dor

Rogando á Eterna Bondade

Que extenda a immensa piedade

A quantos peccam d’amor.

**XIV.**  
**AVE, MARIA!**

Maria, doce mãe dos desvalidos,  
A ti clamo, a ti brado!  
A ti sobem, senhora, os meus gemidos,  
A ti o hymno sagrado  
Do coração de um pae voa, ó Maria,  
Pela filha innocente.  
Com sua debil voz que balbucia,  
Piedosa mãe clemente,  
Ella ja sabe, erguendo as mãos tenrinhas,  
Pedir ao Pae dos ceos  
O pão de cada dia. As preces minhas  
Como irão ao meu Deus,  
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços,  
Se tu, mãe de piedade,  
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços  
Da velha humanidade;  
Despe de mim todo outro pensamento  
E van tenção da terra;  
Outra glória, outro amor, outro contento  
De minha alma desterra.  
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te implora  
Pela filha querida.  
Demais tenho vivido, e só agora  
Sei o preço da vida,  
D'esta vida, tam mal gasta e prezada  
Porque minha só era...  
Salva-a, que a um sancto amor está votada,  
N'elle se regenera.

**XV.**  
**OS EXILADOS.**  
**Á SENHORA ROSSI-CACCIA.**<sup>[14]</sup>

Elles tristes, das praias do destêro,  
Os olhos longos e arrazados de agua  
Estendem para aqui... Cravado o ferro  
Da saudade têm n'alma; e é negra mágua  
A que lhes ralla os corações afflictos,  
É a maior da vida—são proscrittos.  
Dor como outra não ha, é a dor que os matta!  
Dizer eu: 'Essa terra é minha... minha,  
Que nasci n'ella, que a servi, a ingrata!  
Que lhe dei... dei por ella quanto tinha,  
Sangue, vida, saude, os bens da sorte...  
E ella, por galardão, me intrega á morte!'

Morte lenta e cruel—a de Ugolino!<sup>[15]</sup>  
    Bem lhes quizeram dar...  
Mas não será assim: sôpro divino  
    De bondade e nobreza  
    Não o póde apagar  
Nos corações da gente portugueza  
    Esse rancor de fera  
Que em almas negras, negro e vil impera.

    Tu, genio da Harmonia,  
Tu sólta a voz em que triumpha a glória,  
    Com que suspira amor!  
Bella d'enthusiasmo e de fervor,  
Ergue-te, ó Rossi, tua voz nos guia:  
    A tua voz divina  
Hoje um echo immortal deixa na historia.

Inda no mar d'Egina  
Soa o hymno d'Alceu;  
E atravessaram seculos  
Os cantos de Tyrtheu.  
Mais poderosa e válida  
A tua voz será;  
A tua voz etherea,  
Tua voz não morrerá.

Nós no templo da patria pendurâmos  
Ésta c'roa singela  
Que de myrtho e de rosas intrançâmos  
Para essa fronte bella:  
Aqui, de voto, ficará pendente,  
E um culto de saudade  
Aqui, perennemente,  
Lhe daremos no altar da Liberdade.

### **NOTAS DE RODAPÉ:**

[14] Cantando em um baile de subscrição que se deu em Lisboa em 29 de Março de 1845 a favor dos que n'esse anno estavam emigrados por fugir ás perseguições do Govêrno.

[15] Foi morto á fome com os filhos.

**XVI.**  
**PREITO.**

É lei do tempo, Senhora,  
Que ninguém domine agora  
E todos queiram reinar.  
Quanto vale n'esta hora  
Um vassallo bem sujeito,  
Leal de homenagem e preito  
E facil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:  
E aqui juro e firmo agora  
Que a um despotico reinar  
Me rendo todo n'esta hora,  
Que a liberdade sujeito...  
Não a reis!—outro é meu preito:  
Anjos me hão de governar.



**XVII.**  
**NO LUMIAR.**

Era um dia de Abril; a primavera  
Mostrava apenas seu virgineo seio  
Entre a folhagem tenra; não vencêra,  
De todo, o sol o mysterioso inleio  
Da nevoa rara e fina que extendêra  
A manhan sôbre as flores; o gorgueio  
Das aves inda tímido e infantil...

Era um dia de Abril.

E nós iamos lentos passeiando  
De vergel em vergel, no descuidado  
Socêgo d'alma que se está lembrando  
Das luctas do passado,  
Das vagas incertezas do porvir.  
E eu não cançava de admirar, de ouvir,  
Porque era grande, um grande homem devêras  
Aquelle duque—allí maior ainda,  
Allí no seu Lumiar, entre as sinceras  
Bellezas d'esse parque, entre essas flores,  
A qual mais bella e de mais longe vinda

Esmaltar de mil côres  
Bosque, jardim, e as relvas tam mimosas,  
Tam suaves ao pé—muito ha cançado  
De pisar alcatifas ambiciosas,  
De tropeçar no perigoso estrada

Das vaidades da terra.

E o velho duque, o velho homem d'Estado,  
Ao fallar d'essa guerra  
Distante—e das paixões da humanidade,  
Surria malicioso  
D'aquelle sorrir fino sem maldade,  
Que tam seu era, que, entre desdenhoso  
E benevolo, a quanto lhe sahia

Dos labios dava um cunho de nobreza,  
De razão superior.  
E então como elle a amava e lhe queria  
A ésta pobre terra portugueza!  
Velha tinha a razão, velha a experiencia,  
Joven só esse amor.

Tam joven, que inda cria, inda esperava,  
Inda tinha a fe viva da innocencia!...  
Eu, na fôrça da vida,  
Tristemente de mim me invergonhava.  
—Passeavamos assim, e em reflectida  
Meditação tranquillá descuidados  
Iamos sós, ja sem fallar, descendo  
Por entre os velhos olmos tam copados,  
Quando sentimos para nós crescendo  
Rumor de vozes finas que zumbia  
Como enxame de abelhas entre as flores,  
E vimos, qual Diana entre os menores  
Astros do ceo, a fórma que se erguia.  
Sôbre todas gentil, d'essa estrangeira  
Que se esperava alli. Perfeita, inteira  
No velho amavel renasceu a vida  
E a graça facil. Cuidei ver o antigo  
O nobre Portugal que resurgia  
No venerado amigo;  
E na formosa dama que surria,  
O genio da subida,  
Rara e fina elegancia que a nobreza,  
O gòsto, o amor do Bello, o instincto da Arte  
Reune e faz irmãos em toda a parte;  
Que affere a grandeza  
Pela medida só dos pensamentos,  
Do stylo de viver, dos sentimentos,  
Tudo o mais como futil desprezando.

Pensei que a saudar o velho illustre  
Em seus ultimos dias  
E a despedir-se, até Deus sabe quando,  
De nossas praias tristes e sombrias,  
Vinha esse genio... Tristes e sombrias,  
Que o sol lhe fuge, lhe esmorece o lustre,  
E onde tudo o que é alto vai baixando...

O triste, o que não tem ja sol que o aqueça  
Sou eu talvez—que, á minguia de fe, sinto  
O cerebro gelar-me na cabeça  
Porque no coração o fogo é extinto.  
Elle não era assim,  
Ou, sabía fingir melhor do que eu!

—Como o nobre corcel que envelheceu  
Nas guerras, ao sentir o aureo telim  
E as armas sôbre o dorso descarnado,  
Remoça o garbo, em juvenil meneio  
Franja de espuma o freio,  
E honra os braços da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!  
Nem os olhos, as fallas, e a sincera  
Admiração da bella dama ingleza  
Por tudo quanto via;  
O fructo, a flor, o aroma, o sol que os gera,  
E ésta vivaz, vehemente natureza,  
Toda de fogo e luz,  
Que ama incessante, que de amar não cança,  
E continua produz  
Nos fructos o prazer, na flor a esp'rança.

Alli as nações todas se junctaram,  
Alli as várias línguas se fallaram;  
A Europa convidada  
Veio ao festim—não ao festim, ao preito.  
Vassallagem rendida foi prestada  
Ao talento, á belleza,  
A quanto n'alma infunde amor, respeito,  
Porque é devéras grande:—que a grandeza  
Os homens não a dão;  
Põe-na por sua mão  
N'aquelles que são seus,  
Nos que escolheu—só Deus.

Oh! minha pobre terra, que saudades  
D'aquelle dia! Como se me aperta  
O coração no peito co'as vaidades,  
Co'as misérias que ahi vejo andar áleria,  
Á sôlta, appregoando-se! Na intriga,  
Na traição, na calúmnia é forte a liga,  
É fraca em tudo o mais...

Tu, socegado

Descança no sepulchro; e cerra, cerra  
Bem os olhos, amigo venerado,  
Não vejas o que vai por nossa terra.  
Eu fecho os meus, para trazer mais viva  
Na memoria a tua imagem  
E a dessa bella Ingleza que se esquiva  
De nós entre a folhagem  
Dos bosques de Parthenope. Cançado,  
Fito n'esta miragem  
Os olhos d'alma, em quanto que arrastado,  
Vai o tardio pé  
Por este que inda é,  
Que cedo não será, bem cedo—em mal!  
O velho Portugal.<sup>[16]</sup>

## **NOTAS DE RODAPÉ:**

[\[16\]](#) Estes versos foram inspirados pela visita da celebrada Mrs. Northon á quinta do Lumiar, onde o falecido duque de Palmella reuniu, para a festejar, alguns poucos amigos escolhidos. Foi nos ultimos tempos de sua vida. Mrs. Northon reside actualmente em Napoles, a Parthenope de que falla o texto.

**XVIII.**  
**A UM AMIGO.**

Fiel ao costume antigo,  
Trago ao meu joven amigo  
Versos proprios d'este dia.  
E que de os ver tam singelos,  
Tam simples como eu, não ria  
Qualquer os fara mais bellos,  
Ninguem tam d'alma os faria.

Que sôbre a flor de seus annos  
Soprem tarde os desinganos;  
Que emtôrno os bafeje amor,  
Amor da espôsa querida,  
Prolongando a doce vida  
Fructo que succeda á flor.

Recebo este voto, amigo,  
Que eu, fiel ao uso antigo,  
Quiz trazer-te n'este dia  
Em poucos versos singelos,  
Qualquer os fara mais bellos,  
Ninguem tam d'alma os faria.

**XIX.**  
**OS LUSIADAS.**

**EPILOGO DE PAGGI.**

**I.**

Co'a doce voz o cysne lusitano  
Assim as proprias feras abrandava;  
Mas nem o Tejo, de seu canto ufano,  
Nem as ingratas Tagides tocava:  
De seu impio destino deshumano  
Nunca as íras fataes, nunca domava;  
Nem achou entre os seus humanidade  
Quem moveria as pedras á piedade.

**II.**

Ingrata patria, o ingenho sublimado  
Digno de um capitolio em Roma antiga,  
Tu não o ergueste d'esse baixo estado  
Em que só por tua glória se affadiga!  
O ingenho que te inveja mallogrado  
Toda a nação de meritos amiga,  
Tu na vida em miserias o deixaste,  
E em leito vil á fome o assacinaste!

**III.**

Vai! Sua glória é mais hoje a maravilha  
Das gentes, porque mais o perseguiste;  
Morre o teu nome quando o seu mais brilha,  
Despojam delle a tua lingua triste;

Iberia o adoptou, França o perfilha,  
Britannia o quer; e agora eterno existe,  
Que n'um e n'outro italico idioma  
Entre os seus vates o colloca Roma.

#### IV.

Tu fica-te c'os ossos deshonorados  
Que te accusam de ingrata ao ceo e á terra;  
Seu spirito, esse vai onde prezados  
São virtude e talento, e onde ímpia guerra  
Stulto o podêr não faz aos mais honrados:  
Mais de outros ja que teu, ja não se incerra  
N'um canto do orbe sua altiva fama,  
Que Augusto a ampara e um Alexandre a acclama

#### V.

Lá onde surge de alto monte, e brilha  
Sôbre a escolhida grey de Deus a estrêlla,  
E igual áquella antiga maravilha  
Que os reis guiou a Deus, sôbre os reis véla,  
Lá onde ao merito o podêr se humilha,  
Beja a paz da justiça a face bella,  
E de illustre carvalho á sombra amena  
Descança Roma no velar de Siena,<sup>[18]</sup>

#### VI.

Lá vai, minha obra, e d'esta luz roubada  
Tu leva á patria musa esses primores;  
Em falla ignota estava sepultada,  
Raios de extranho sol são seus fulgores.



Vai, viverás: também com luz furtada  
Deu vida Prometheu. Se mais não fores,  
Serás reflexo de beleza, lustre,  
E de eterno splendor émula illustre.<sup>[19]</sup>

**XIX.**  
**LA LUSIADA.**

**EPILOGO DI PAGGI.**<sup>[17]</sup>

**I.**

Cotal cantava il lusitano cigno  
Molcendo con sue voce anco le fere,  
Non che l'amato patrio Tago e'l Migno,  
E le del canto suo Tagide altere:  
Che pur del suo destino empio e maligno  
Non puote unqua addolcir l'ire severe;  
Non trovando fra suoi humanitade  
Quei ch'i scelsi avria mossi anco a pietade.

**II.**

Potesti, ingrata patria, un spirto degno  
D'un campidoglio in una Roma antica,  
Non sollevar da basso stato, indegno  
Di cui fiè per te gloria ogni fatica?  
Un spirto che t'invidia al maggior segno  
Ogni altra nazione di mer'ti amica,  
Veder soffristi vivo egro e scontento  
Ed in vil letto di disagio spento!

**III.**

Ma vanne pur che, quanto iniqua, austera  
Fusti com lui, tanto fra l'altre genti  
Sorgerà la sua gloria ove tua pera,  
Fino a cacciarne i tuoi nativi accenti.

Adotteranlo la nazione ibera,  
La franca, use adottar spirti eminenti,  
L'angla; ed ambe le italiane favelle  
Vorràn che viva fra suoi poeti anch'elle.

#### IV.

Tienti pur l'ossa inonorate ancora  
Che t'accusan d'ingrata anco sepulte;  
Che lo spirto di lui, già di te fuori  
Non errará, ne fien sue pene inulte;  
Vedrailo accolto ove virtù s'onora:  
Già più d'altri che tuo, fra le più culte  
Genti del orbe, e maturar sua speme  
Sotto un Augusto e un Alessandro insieme

#### V.

La ve ad illuminar da eccelso monte  
Astro di Dio, l'eletta greggia, sorge,  
Che al par di quel che ad inchinar la fronte  
Condussi i regi a Dio, i regi scorge,  
La dove il merto abbatte sforzi ed onte,  
La giustizia à la pace il labro porge,  
E di quercia Feretria à l'ombra amena  
Riposa Roma al vigilar di Siena.

#### VI.

Or la vanne, opra, ed à le patrie muse,  
Quasi terzo cristal le luci rendi  
Che sotto ignoto dir sepolte e chiuse  
Da sol che altrove splende or furi e prendi.

Vanne, e qual gia Prometteo anima infuse  
Con le luci non sue, tu vita attendi:  
Specchio del altrui bello, emulo industrie  
E d'eterno splendor riflesso illustre.

### NOTAS DE RODAPÉ:

[17] Paggi esteve muitos annos em Lisboa, e aqui publicou duas edições da sua traducção dos *LUSIADAS*, que, se não tem o valor poetico da de Nervi, nem a fidelidade da de Briccolani, é todavia muito apreciavel. Este *epilogo* foi tirado da seg. edic. de 1659—que é a mais correcta, conservando-se-lhe a propria orthographia.

[18] Cidade do gran'-ducado de Toscana, patria do papa Alexandre VII, a quem a versão dos *Lusiadas* foi dedicada.

[19] Publicando-se a primeira vez ésta traducção dos versos de Paggi no 2.º num. do vol. II do jornal, a *SEMANA*, appareceu com uma introducção, da qual julgâmos dever extractar alguns paragraphos:

‘Um nome illustre e portuguez, germanado pela inspiração e pelas tradições patrias com a glória de Camões, associa-se hoje á nobre desaffronta que um estrangeiro soube, ha seculo e meio, escrever no fim dos *Lusiadas* em honra das esquecidas cinzas de Camões. O estrangeiro foi Carlos Antonio Paggi, que na sua traducção italiana dos *Lusiadas* accrescentou, como epilogo, seis formosas strophes em honra do poeta que a patria, ou antes a côrte do seu tempo, votára á humiliação e á indigencia. O nome glorioso na historia contemporanea das nossas letras, é o de Almeida Garrett, que em bellissimos versos portuguezes trasladou a elegia melancolica com que o italiano Paggi apostrophou a indifferença, ou o desprêzo que foram em vida de Camões a tença mais avultada que os poderosos lhe destinaram no seu livro de mercês.

‘Quem gravou mais estes versos na loisa de Camões, quem lhe refrescou as cinzas com mais esta saudade, foi o poeta, que resume no seu nome, como n'um traço conciso, toda uma regeneração litteraria, o poeta que marca no stadio das letras um repouso ameno depois do servilismo, ou da inanição da poesia nacional; o mesmo que celebrou Camões em versos ungidos de sentimento e de saudade íntima; aquelle que interrogou os portuguezes sobre o logar onde jaziam os ossos do maior genio da nossa terra; foi o proprio que em Portugal, onde só a opulencia tem monumentos, e a nullidade estátuas, levantou o mais clamoroso brado a favor daquella pobre ossada, perdida, profanada, pisada talvez sacrilegamente pelos filhos degenerados d'uma patria invilecida; foi aquelle mesmo que rematou tambem um dos seus mais graciosos e sentidos poemas, com ésta apostrophe, temerosa e solemne, ja tantas vezes citada por nacionaes e estrangeiros:

Onde jaz, portuguezes, o moimento  
Que do immortal cantor as cinzas guarda?  
Homenagem tardia lhe pagastes  
No sepulchro siquer? Raça d'ingratos!

**XX.**  
**O TEJO.**  
**AO SENHOR VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT.**  
**PELO CONDE DE CAMBURZANO.**

N'essas margens risonhas do Tejo  
Não ha som que não cante de amor;  
Em suas ondas azues o lampejo  
Das estrêllas, no albor, se espelhou.

**XX.**  
**IL TAGO.**  
**AL SIGNOR VISCONTE DE ALMEIDA-GARRETT.**  
**DAL CONTE DI CAMBURZANO.**

Sule sponde ridenti del Tago  
Dice ogni eco canzone d'amore;  
In que' flutti d'azzurro sì vago  
Ogni stella al mattin si spechiò.  
Essa terra produz a violeta  
Ao primeiro sorrir da manhan,  
Vago Zephyro a flor indiscreta,  
Sussurrando, lascivo beijou.

É loquaz este bosque sombrio,  
Cheio ainda do canto dos bardos;  
Aqui é Tempe, aqui o Menalo frio,  
E o Meandro que os cysnes produz.

Oiço uns echos de magica lyra  
Pela noite ir ao longo da praia...  
Quem é esse tam fero que ahi gyra  
E do dia desdenha da luz?

É Catão,<sup>[20]</sup>—só a este não doma  
Quem a terra fez muda a seu mando;  
É Catão—a infamia de Roma  
Na sua frente jamais não pesou.

Quella terra produce la viola  
Al primiero dell' alba sorriso,  
Zefiretto che lene trasvola  
Susurrando quel fiore baciò.

Son loquaci le brune foreste,  
Piene ancora del canto de' bardi;  
Quivi è Tempe, quì Menalo agreste,  
E'l Meandro che i cigni nutrì.

Odo un suono di magica lira  
Lungo il lido sull' umida sera...  
Chi è colui che sì fiero s'aggira  
E disdegna la luce del dì?

Egli é Cato<sup>[21]</sup>, lui solo non doma  
Chi la terra fè muta á suoi cenni;  
Egli é Cato, l'infamia di Roma  
Sul suo capo giammai non pesò.

Como geme alva pomba ferida,  
Assim Merope<sup>[22]</sup> geme e lamenta;  
Soam trompas guerreira alarida,  
E a alegria ao seu peito voltou.

Nas cumiadas de Herminio<sup>[23]</sup> nevosas,  
Que dos horridos gelos se c'roam,  
Ve a aurora coberta de rosas  
De beleza em que pompa surgiu!

Na hástea debil as tenras florinhas  
Vão o puro rocio bebendo,  
Cada gotta do ceo, nas hervinhas,  
Ricca perola ardente luziu.

Mas o Genio do monte, que horrendo  
Entre as sombras impera da noite,  
Bate as azas, ja foge e fremendo  
No profundo do mar mergulhou.



Come gemon le bianche colombe,  
Così Merope<sup>[24]</sup> piange e lamenta;  
Ma improvviso squillare di trombe  
Alta gioja in suo cuore versò.

Su le cime d'Erminio<sup>[25]</sup> nevose,  
Cui fan gl'orridi ghiacci corona,  
Ve' l'aurora cosparsa di rose  
Qual fa pompa di rara beltà!

I fioretti sul gracile stelo  
Van bevendo la pura rugiada,  
Ogni stilla caduta dal cielo  
Fra l'erbette una perla si fa.

Ma lo Spirto del monte, che orrendo  
Tiene impero fra l'ombre di notte,  
Bate l'ali, già fugge e fremendo  
Nel profondo dei mari piombó.

Repentino lá surge um guerreiro,  
Torvo o cenho, a armadura de ferro...  
É Viriato... a seus pés—o primeiro!—  
Calca as Aguias que o mundo adorou.

Da caverna que os ossos lhe incerra  
Surde a voz... Inclinae as cabeças  
Ante o livre que impavido á terra  
—Ou morrer—ou salvá-la jurou...

Immudece a harpa.—O nome adorado  
Da sua Julia<sup>[26]</sup> as Driades cantem!  
Sôbre a fronte ao poeta sagrado  
Phebo proprio os seus loiros poisou.

Un guerriero repente si desta,  
Torvo il ciglio, rachiuso nell'arme,  
É Viriato... un vessillo calpesta  
Che tremante la terra mirò.

Dallo speco che l'ossa ne serra  
Una voce si parte—t'inchina  
A colui che la libera terra  
O far salva o perire giurò...

Tace l'arpa... Di Giulia<sup>[27]</sup> ripeta  
Ogni Driade il nome soave!...  
Su la fronte del sacro poeta  
Febo istesso l'alloro posò.

### NOTAS DE RODAPÉ:

[20] Allude á tragedia CATÃO do Sr. Garrett.

[21] Idem.

[22] Allude á tragedia MEROPE do Sr. Garrett.

[23] Do mesmo modo allude á CAVERNA DE VIRIATO, publicada ultimamente nas FLORES SEM FRUCTO, com a traducção franceza por M.<sup>lle</sup> de Flaugergues.

[24] Idem.

[25] Idem.

[26] Allude igualmente á ode ou canção II do livro primeiro—FLORES SEM FRUCTO.

[27] Idem.

## XXI.

### CANÇÃO DA DONZELLA FINLANDEZA.

Oh! se o meu Bem me volver,  
Se quem d'antes via, eu vejo,  
Traga elle a bôcca a escorrer  
De lobo em sangue, lh'a bejo;  
E a mão vou-lh'a apertar,  
Cobras lh'a andem a inroscar.  
Ah! se o vento alma tivera,  
Lingua o ar da primavera,  
Fôra a sua voz bastante:  
Novas levára e trouxera  
Entre um e outro amante.  
Desprézo finos guizados,  
Deixo ao cura os seus assados;  
Só quero amar, ser constante  
A quem o verão me deu  
E o inverno affez a ser meu.<sup>[28]</sup>

#### NOTAS DE RODAPÉ:

<sup>[28]</sup> O original é phenico ou finlandez.

Esta pequena Runa, canção em metro runico, é considerada no Norte como um d'esses raros exemplares da litteratura primitiva dos povos, que a characterisam. Como tal tem sido traduzida em muitas linguas com auxílio das versões litteraes, que para isso se publicara em Stokolmo.

Por este modo se fez a portugueza: e creio ser a primeira que apparece nas linguas do Sul. Dou com ella as versões todas, poeticas e litteraes, que me chegaram á mão. Muito aproveitaria ao estudo das linguas e litteraturas da Europa se os nossos litteratos se dessem com o mesmo impenho ao estudo das runas e sagas do Norte com que alli se dão ao das nossas xacaras e solãos.

**XXI.**  
**EYTON RUNO SUOMALAISEN.**

Jos mun tuttuni tulisi,  
Ennen nähtyni näkyisi,  
Sillen suuta suikkajaisin;  
Jos olis suu suden weressä;  
Sillen kättä käppäjäisin,  
Jospa käärme kämmen-päässä.  
Olisko tuuli mielellisnä,  
Ahawainen kielellisnä:  
Sanan toisi, sanan weisi,  
Sanan liian liikuttaisi,  
Kahden kaunihin wälillä.  
Ennen heitän herkkuruuat,  
Paistit pappilan unohdan,  
Ennenkun heitän herttaseni,  
Kesän kestytyäni,  
Talwen taiwuteltuani.[A]

**XXI.**  
**CARMEN FENICAE FUELLAE.**

Ille si meus veniret,  
Visus ante si veniret;  
Illitum lupi cruore  
Os libenter oscularer;  
Si ter implicaret anguis,  
At manum manu tenerem.  
Si qua mens adesset austro,  
Si qua lingua veris aurae;  
Ferret aura, ferret auster,  
Et referret usque verba,  
Nuntians, amanti amantis.  
Nil moror dapes opimas,  
Presbiter nihil quod assat,  
Dum mihi meum reservem,  
Quem mihi subegit aestas,  
Bruma quem dedit domandum.

A. HEDNER  
Praepositus Ydriensis.

**XXI.**  
**ΕΙΔΥΛΛΙΟΝ ΦΕΝΝΙΚΟΝ**

Ὡς ἴκοιθ' ὁ προσφιλὴς μοι,  
Τὸν πάλαι φανέντ' ἴδοιμι,  
Τόνδε κακὸν λύκου φιλοῖμ' ἄν  
Αἵματοσταγῇ τὰ χεῖλη,  
Ἐν χεροῖν αὐτοῦ δὲ φῦσα  
Ὅφιος οὐ ταρβοῖμ' ἐλιγμούς.  
Εἰ γένοιτ' ἔμφρων μὲν αὔρα,  
Εἰ πνοὴ δ' ἔναυδος ἦρος,  
Σὺν τάχει πρόσω πάλιν τε,  
Τοὺς ἄν ἀλλήλων ἐρώντων,  
Πίστεως λόγους κομίζοι.  
Πλὴν λιχνεύματ' ἄν μεθείην,  
Ὅπτα κρέα θ' ἰρέως ἔγωγε  
Μᾶλλον, ἢ τάνδρὸς λαθοίμην,  
Τοῦπερ ἐν θέρει δαμέντος,  
Ἐν κρύει κατεκράτησα.

J. SPONGBERG  
Professor Linguae Græcæ

# TRADUÇÕES LITTERAES.

## I. ALLEMAN.

Oh! wenn mein Geliebter<sup>[29]</sup> kommen würde,  
Der früher gesehene, wenn er erschiene (erscheinen würde):  
Sogleich würde ich einen Kuss auf seinen Mund drücken,<sup>[30]</sup>  
Auch wenn er (der Mund) mit Wolfsblut besudelt<sup>[31]</sup> wäre!  
Seine Hand würde ich zugleich auch warm (herzlich) fassen,<sup>[32]</sup>  
Wenn auch eine Schlange sich um seine Finger schlängelt!  
Ach! wenn der Wind Verstand hätte,<sup>[33]</sup>  
Der frische Lenzeshauche, wenn er einer Sprache mächtig wäre:<sup>[34]</sup>  
Ein Wort würde er hinbringen,<sup>[35]</sup> ein Wort würde er zurückbringen;  
Mit Nachrichten würde er schnell eilen<sup>[36]</sup>  
Zwischen zwei Liebenden.—  
Lieber verschmähe ich die kostbarsten Speisen,<sup>[37]</sup>  
Vergesse lieber den Braten auf des Priesters Tische,<sup>[38]</sup>  
Als dass ich meines Herzens Geliebten verlasse,  
Den, welchen ich im Sommer mir ergeben machte<sup>[39]</sup>  
Den, welchen ich im Winter (an mich) befestigte.<sup>[40]</sup>

### NOTAS DE RODAPÉ:

<sup>[29]</sup> Eigentl.: mein Bekannter.

<sup>[30]</sup> Ganz wörtlich: ihm den Mund ich sogleich hinhalten würde, d. h. ihn küssen

<sup>[31]</sup> Ganz wörtl.: wäre auch sein Mund in Wolfsblut, d. h. wäre er mit Wolfsblut befleckt.

<sup>[32]</sup> Wörtlicher: ich würde ihm einen leichten Handschlag geben.

<sup>[33]</sup> Ganz wörtlich: wäre der Wind als Verstand-besitzend.

[34] Oder: wäre als sprachmächtig.

[35] Eigentl.: holen.

[36] Ganz wörtl.: ein Wort zur Genüge, würde er (der Wind, der Hauch) in Bewegung bringen (rege machen), d. h. würde er wechselweise bringen zwischen, etc. (Dieser Vers ist, wie man sieht, an Geist und Sinn, nur ein Parallelismus zu dem nächst vorangehenden. Solche findet man nicht selten in der finnischen Runen-Dichtung.)

[37] Oberhaupt: Herrenessen.

[38] Ganz wörtl.: des Pfarrhauses Braten (Plur.) ich lieber vergesse.

[39] Oder: mir anlockte, d. h. machte dass er sich an mich schloss.

[40] Oder: bändigte, d. h. nach meinem Sinne lenkte.



## II. INGLEZA.

Oh! If my beloved<sup>[41]</sup> would come,  
The before seen, if he would appear;  
Instantly I should press a kiss on his mouth,<sup>[42]</sup>  
Even though it (the mouth) were stained with the blood of a wolf.<sup>[43]</sup>  
His hand I should at the same time warmly (cordially) seize,<sup>[44]</sup>  
Even though a snake wound round his fingers!  
Oh! if the wind had understanding,<sup>[45]</sup>  
The fresh zephyrs of the spring, if they were capable of speech:  
A word they would bring hither,<sup>[46]</sup> a word they would return,  
With intelligence they would quickly hasten<sup>[47]</sup>  
Between two lovers.—  
I should sooner give up the nicest dishes<sup>[48]</sup>,  
Forget rather the roast-meat on the priest's table<sup>[49]</sup>  
Than I forsake my dear beloved,  
Him, whom in the summer I made attached to me,<sup>[50]</sup>  
Him, whom in the winter I captivated.<sup>[51]</sup>

### NOTAS DE RODAPÉ:

<sup>[41]</sup> Or: intimate; *properly*: well-known.

<sup>[42]</sup> *Literally*: to him I should instantly offer my mouth, *that is to say*: kiss him.

<sup>[43]</sup> *Quite literally*: even though his mouth were in the blood of a wolf; *that is to say*: if it were besmeared with the blood of a wolf.

<sup>[44]</sup> *More literally*: I should give him a light squeezing of the hand.

<sup>[45]</sup> *Quite literally*: if the wind were as if possessing understanding.

<sup>[46]</sup> *Properly*: fetch.

<sup>[47]</sup> *Literally*: a word which were sufficient, they (the winds, the zephyrs) would set a-going, *that is to say*: they would alternatively bring between, etc

(This verse forms, as it appears, in sense and thought, a parallelism with the preceeding verse. Such are not seldom met with in the Finlandian rune-poetry)

[48] *Very-near*: the gentlemen's (the lord's) meat.

[49] *Quite literally*: forget rather the roast-meats of the priest's house.

[50] *Or*: attracted to me, *that is to say*: caused him to become attached to me.

[51] *Or*: tamed, *that is to say*: made him submit to my mind or will.

### III. LATINA

O, si ille familiaris meus veniret,  
Antea visus mihi appareret!  
Statim ei os porrigerem,<sup>[52]</sup>  
Etiamsi esset (os) lupi cruore maculatum.<sup>[53]</sup>  
Manum ejus calide<sup>[54]</sup> premerem,  
Etiamsi anguis digitos cingeret.<sup>[55]</sup>  
O! si ventus esset mente praeditus,<sup>[56]</sup>  
Si flamen<sup>[57]</sup> veris alacre<sup>[58]</sup> linguae esset potens;  
Verbum huc ferret, verbum referret,<sup>[59]</sup>  
Nuntium vicissim motu ageret<sup>[60]</sup>  
Inter duos amantes.—  
Rejiciam potius lautissimas cupedias,  
Quin carnis assae de mensa presbyteri<sup>[61]</sup> obliviscar,  
Quam meum ex corde amatum deseram;  
Quem aestate mihi deditum reddidi,<sup>[62]</sup>  
Quem hieme satis mansuefecit.<sup>[63]</sup>

#### NOTAS DE RODAPÉ:

<sup>[52]</sup> Eum mox oscularer.

<sup>[53]</sup> *Proprie*: etiam si in lupi cruore os esset, *i. e.* etiamsi lupi cruor in ore ejus esset.

<sup>[54]</sup> *Proprie*: facile.

<sup>[55]</sup> *Proprie*: etiamsi anguis in extrema manu (esset).

<sup>[56]</sup> *Sive*: O, si ventui esset intellectus!

<sup>[57]</sup> *Sive*: aura.

<sup>[58]</sup> *Recreans*.

<sup>[59]</sup> *Sive*: verbum adduceret, verbum reportaret.

<sup>[60]</sup> *Proprie*: verbum plus quam sufficiens in motum ageret (moveret).

[61] *Proprie*: de villa presbyteri, *i. e.* quae in villa presbyteri solet esse Carnis assae frusta presbyteri mensae apposita.

[62] *Sive*: quem aestate ita tractavi, ut ea mihi dederet.

[63] *Sive*: quem hieme ita tractavi, ut mihi obediret.

## IV. FRANCEZA.

Ah! si mon bien-aimé<sup>[64]</sup> voulait venir,  
Celui que je voyais jadis, voulût-il reparaître!  
A l'instant je presserais un baiser sur sa bouche,<sup>[65]</sup>  
Si même elle était tachée de sang de loup.<sup>[66]</sup>  
Je saisirais ardemment sa main<sup>[67]</sup>  
Quand même un serpent fût roulé autour de ses doigts.  
Oh! si le vent avait de la raison,<sup>[68]</sup>  
La fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue;  
Elle irait chercher un mot, un mot elle rapporterait;  
Vite elle se hâterait avec des nouvelles<sup>[69]</sup>  
Entre deux amants.—  
Plutôt je me passerais des mets les plus délicats,<sup>[70]</sup>  
J'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur,<sup>[71]</sup>  
Que je n'abandonne le chéri de mon cœur,  
Celui qu'en été je m'attachai,<sup>[72]</sup>  
Celui que j'enchainai pendant l'hiver.<sup>[73]</sup>

### NOTAS DE RODAPÉ:

<sup>[64]</sup> Proprement dit: *mon bien-connu*.

<sup>[65]</sup> Littéralement: *je lui tendrais à l'instant la bouche*, c'est à-dire: *je le baiserais*.

<sup>[66]</sup> Tout-à-fait littér.: *fût même sa bouche dans le sang d'un loup*, c.-a.-d.: *fût-elle souillée de sang de loup*.

<sup>[67]</sup> Plus littér.: *je lui donnerais un léger serrement de main*.

<sup>[68]</sup> Tout-à-fait littér.: *si le vent était possédant de la raison*.

<sup>[69]</sup> Plus littér.: *un mot, qui suffirait déjà, elle le mettrait en mouvement*, c.-a.-d.: *elle le porterait alternativement entre, etc.* (Ce vers ne forme, comme il le paraît, qu'un parallélisme d'esprit et de pensée avec le vers précédent; on en trouve souvent dans la poésie runique finoise).

[70] A peuprés: *nourriture des Messieurs.*

[71] Tout-à-fait littér: *j'oublierais plutôt des rôtis du presbytère.*

[72] Ou: *attirai vers moi, c.-a-d.: fis qu'il s'attacha à moi.*

[73] Ou: *apprivoisai, c.-a-d. que je fis plier à ma volonté.*

**NOTAS.**

## NOTAS ÀS FÁBULAS E CONTOS.

### NOTA A.

Um tal poeta lá da tua terra  
Que faz Orientes e baptiza Gamas pag 36.

Este verso, e um soneto, que é o X na collecção do presente vol., são as duas unicas debilidades em que cahi mostrando má vontade satyrica ao bem conhecido Padre José Augustinho de Macedo, homem de estudo e talento, mas o mais atrabiliario escriptor que ainda creio que tivesse a lingua portugueza. O rancor que toda a vida professou a quantos professaram as lettras no seu tempo, uma inveja impropria de talento tam verdadeiramente superior, o arrastou a desvarios que deslustraram o seu nome e mancharam a sua fama. Nem o furioso e sanguinario que foi em seu partido, nem a perseguição politica de que a mim proprio me fez victima, poderam mover-me a desacatar n'elle o homem de lettras que todavia honro ainda. Sei que no A. do RETRATTO DE VENUS, no redactor principal do PORTUGUEZ, elle perseguia principalmente o ainda mais odioso A. do poema CAMÕES. Todas as suas offensas porém foram só politicas; litterariamente não me aggravou jamais. Perdoe-lhe Deus como lhe perdoei sempre. A posteridade não lhe perdoará decerto a sua stulla rivalidade com o A. dos LUSIADAS: foi a essa que os versos annotados alludiram. Queimava-os se fôra a outra coisa. Metter as lettras nas nossas questões politicas e nas mesquinhas e soezes paixões individuaes que d'ellas nascem, é para a baixa villania dos *insultadores publicos*, despreziveis rans do charco stagnado da intriga que nem siquer para si coaxam, mas para quem os faz coaxar por sua conta.

### NOTA B.

Conto academico pag. [42](#).



Este conto é uma verdadeira gaiatice de estudante de Coimbra que despede chufas á direita e á esquerda como pancadas de cego. Se o dictionario da nossa academia ficou no *azzurrar*, a collecção de suas preciosas memórias cantou bem alto e sonoro: muito receio que fôsse cantar de cysne!

#### NOTA C.

O famoso direito de *acrescer* pag. [61](#).

O direito de *acrescer* é o que em qualquer sociedade resulta ao todo dos socios da renúncia tacita ou expressa que de seu quinhão faz um d'elles. No meu primeiro anno da Universidade era a explicação d'este romanismo um dos pontos mais graves do curso de direito.

#### NOTA D.

O menino e a cobra. pag. [65](#).

É imitação ésta fábula de uma composição alleman do seculo passado, não me lembro de que auctor.

#### NOTA E.

A Saude e a Medicina. pag. [69](#)

Imitação, e quasi traducção em muita parte, da fábula de Pignotti do mesmo nome.

#### NOTA F.

Fui prêso por Verdeaes pag. [79](#).

Até a côr das fardas dos archeiros da Universidade mudaram os fomentadores de 1834-5. Dizem que os pintaram de azul! Não tenho ânimo de ir a Coimbra, nem olhos com que tal veja. Os verdeaes azues! Que reforma!

## NOTA G.

O Casquilho. pag. [88](#).

Imitação de um apologo ingles, cujo auctor me não lembra tambem.

## **AOS SONETOS.**

### **NOTA A.**

A certa tragedia pag. [110](#).

Vej. a [nota A das Fábulas](#).

## ÁS FOLHAS CAHIDAS.

### NOTA A.

Coquette dos prados pag. [171](#).

A palavra *coquette* não é portugueza. Mas não ha remedio senão acceitá-la e dar-lhe a carta de naturalização desde que a coisa se afforou tanto entre nós.

### NOTA B.

Voz e aroma. pag. [219](#).

Parece-me, e quero confessá-lo, que estes versos são uma reminiscencia de Lamartine.

### NOTA C.

No Lumiar. pag [239](#).

Tinha promettido estes versos sôbre a visita de Mrs. Northon ao Lumiar, ha tres para quatro annos, ao nosso commum amigo S. de L. Perdoe-me elle se tam tarde cumpro a minha prometa.—Dezembro. 1851.

### NOTA D.

O Tejo. pag. [256](#).

O Sr. Conde de Camburzano, secretario da Legação de Sardenha em Lisboa, foi aqui mui pouco conhecido da nossa sociedade, nem o seria com vantagem, porque dançar e jogar, jogar e dançar, de verão e de hynverno, nossa occupação exclusiva e unica, não podia ser a de um homem de forte pensar e de vehemente sentir.

Manda-lhe aqui éstas saudades um dos poucos Portuguezes que tiveram a fortuna de o conhecer.

## NOTA E.

Deixo ao cura os seus assados. pag. [264](#).

Este pequeno poema foi-me enviado de Stockolmo pelo illustre litterato o Sr. Zetterquist, com as traducções poeticas e litteraes que público junctamente com o texto, e que me serviram para fazer a traducção portugueza que com tanta instancia me pediram. Veio tudo acompanhado da seguinte explicação em Francez, que aqui ponho textualmente tambem para melhor esclarecimento do assumpto:

### REMARQUES DIVERSES SUR CETTE RUNA FINOISE<sup>[74]</sup>

Ce petit poème, que l'on peut appeler une réminiscence de l'état d'innocence primitive des peuples et des langues, fut composé il y a peut-être quelques siècles, par une jeune paysanne finoise. Comme le chant l'indique, elle parait avoir eu un amant auquel elle avait donné son cœur et son premier amour, mais qui, plus tard, pour une cause quelconque, l'abandonna, malgré les promesses de mariage qu'il avait jurées à sa fiancée. Une circonstance pareille n'a jamais été et ne sera jamais rien d'extraordinaire: c'est, nonobstant, le thème de ce chant si simple. Simple, il est vrai; mais il ne manque pas pour cela d'originalité, ni même de poésie, pareil en cela, du reste, à tous les vieux et sublimes chants nationaux du Nord. Je pourrais même à cet égard soutenir sans exagération que celui qui nos occupe est l'un des plus beaux produits de la poésie populaire. Où trouver, par exemple, une pensée plus sublime que celle de la seconde stance, où cette Sapho, quoique n'étant pourtant pas de Lesbos, donne sous l'inspiration du moment, l'essor aux brûlants sentiments de son cœur: *“Oh! si le vent était doué de raison, et la fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue: ils porteraient alors un mot d'amour et le rapporteraient entre deux amants.”* Mais que l'on n'oublie pas non plus que c'est l'amour, chez cette poète toute d'inspiration naturelle, née et grandie dans un pays de forêts couvertes de neiges et de glaces, qui lui a mis sur les lèvres ces paroles d'une si douce poésie. Quant à la 3ème ou dernière stance, il me semble aussi nécessaire d'y fixer l'attention plus spéciale du lecteur. On pourrait, par aventure, regarder comme une espèce d'étrangeté les expressions suivantes: *“Plutôt je me passerais des mets les plus délicats,*

*j'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur, que je n'abandonne le chéri de mon cœur.*” Pour celui qui ne connaît pas les particularités caractéristiques des paysans findandais, et leur appréciation des choses, une image ou un objet concret pareil au *rôti sur la table du pasteur*, pourrait paraître quelque chose d'étonnant en poésie: mais cette pensée ou cette image ne présente par contre rien d'étonnant, lorsque l'on est initié à la vie nationale de la Finlande, et surtout, si l'on sait quelle profonde vénération les paysans finois avaient jadis pour leur prêtre, pour leur instituteur religieux; mais outre cette saint vénération, qui touchait presque à une adoration mystique, ils donnaient à ses biens matériels une valeur et leur montraient un respect non moins grands. La jeune fille, inspirée par le dieu de l'amour, n'aurait donc voulu pour les friandises les plus recherchées au monde, pas même pour les mets les plus délicats que la table du pasteur pût offrir, se départir de l'objet aimé. Cette strophe renferme aussi, en conséquence, une pensée tout aussi raisonnable que belle.—Et quoique ce petit morceau lyrique soit un modèle de style simple et naturel, il ne se fait, on vient de le voir, pas moins remarquer par un sentiment ardent, par sa force, et surtout par de ces images hardies comme des poètes plus exercés et plus instruits en cherchent en vain.

J'ose dans tous les cas espérer qu'on ne m'imputera raisonnablement pas à blâme, d'avoir, comme base de mon entreprise choisi de préférence ce simple chant antique, au lieu de prendre un morceau moderne d'une autre tendance. Un original de caractère religieux, n'aurait, par exemple, indubitablement pas convenu; d'autant plus que comme il s'agit ici d'obtenir le plus grand nombre possible de traductions, non seulement en langues écrites mais encore en idiomes provinciaux, le morceau que j'ai choisi me paraît plus que tout autre propre à conduire à ce résultat.

Si j'en viens maintenant au but même de mon travail, je crois pouvoir déclarer à ce sujet, qu'à tous égards, une collection polyglotte semblable doit indubitablement être fort intéressante pour les personnes possédant des connaissances philologiques plus ou moins grandes, et surtout pour celles qui s'occupent de linguistique comparée. Un résultat pareil dépend naturellement de la fidélité, de l'exactitude qui sera apportée à chaque traduction. L'on ne doit, en conséquence, pas considérer cette entreprise comme une affaire de curiosité, ni comme un simple amusement, mais

comme un travail utile, autant que possible, pour l'histoire générale des langues.

Sous le point de vue de la réunion d'un si grand nombre de traductions, tant en dialectes qu'en langues écrites mortes et vivantes, elles seront rangées en ordre systématique basé sur leurs origines et leurs affinités. Le nombre d'idiomes dont cette *carte philologique* se composera, dépendra naturellement de la quantité de traductions que j'obtiendrai. Cependant, me fondant sur la bienveillance dont j'ai déjà été l'objet pendant le cours de quelques années, j'ose espérer que la collection se composera d'environ 200 ou 300 idiomes, dont je possède déjà un nombre assez considérable. Cet ouvrage sera encore augmenté de quelques appendices de musique, et d'une introduction philologico-historique. Ensuite, les traductions seront autant que possible imprimées avec les caractères particuliers à chaque langue.

Enfin, que l'on me permette d'ajouter au sujet de cette Runa finnoise, qu'avant moi déjà, diverses personnes l'ont remarquée avec intérêt; je dois nommer entr'autres le Conseiller d'État suédois S. E. Mr. A. F. de *Skjöldebrand*, lequel publia en 1810 à Stockholm une magnifique collection de gravures sur la Suède, la Finlande et la Laponie, suivie d'une description en langue française, et portant le titre de: "*Voyage pittoresque au Cap Nord*." La Runa que j'ai choisie se trouve dans cet ouvrage, tant en original, qu'en traduction française en prose. L'auteur y annonce qu'elle lui fut communiquée par *Fr. Mich. Franzén* (alors professeur à l'Académie d'Abo) comme un des meilleurs échantillons de la poésie runique finnoise, et l'un des plus propres à montrer à quel riche degré la nation finnoise possède l'inspiration poétique. Mais la langue finnoise est aussi sous le point de vue grammatical singulièrement flexible, elle est surtout fort mélodieuse, ce que lui donne une certaine ressemblance avec le Grec antique.

A peu près vers le même temps que l'ouvrage de Mr. de *Skjöldebrand*, apparut en Anglais, d'un certain *Joseph Arcebi*, une description de Voyage en Suède, en en Finlande et en Laponie, dans laquelle se trouve aussi la même Runa, en traduction anglaise, faite toutefois assez librement. Cette description de Voyage, fort intéressante, a été traduite en Français et en Allemand. Mais ces deux auteurs ne son pas les seuls: le célèbre poète allemand *Goethe* a fait aussi de ce chant une traduction imprimée dans ses: «*Poetische und Prosaische Werke*.»

## QUELQUES INDICATIONS PARTICULIÈRES POUR LES TRADUCTEURS DE CE CHANT.

1.° MM. les traducteurs voudront bien suivre, *aussi fidèlement que possible*, l'une des trois traductions verbales ci-dessous. 2.° Quant aux idiomes dans lesquels il serait difficile et peut-être même impossible de faire des traductions en vers, l'on devra, dans un tel cas, se contenter de les faire en prose, plutôt que de n'en point faire du tout. Je désire toutefois que ces traductions soient en *vers blancs* (non-rimés), como les trois traductions verbales. 3.° Si le traducteur voulait communiquer quelques explications grammaticales sous forme de notes, elles seraient reçues avec la plus grande reconnaissance. 4.° De même, si quelqu'un voulait se charger, en cas que ce fût possible, de procurer de la musique à l'une des traductions; ce serait aussi une chose que je désirerais volontiers. 5.° MM. les traducteurs sont priés d'écrire leurs traductions *aussi distinctement que possible*, pour éviter les fautes typographiques qui pourraient s'y glisser. 6.° L'on ne doit pas oublier de traduire le titre: *Chant d'une jeune paysanne finoise*. 7.° Chaque traducteur voudra bien signer sa traduction.

C. G. ZETTERQUIST

### NOTAS DE RODAPÉ:

[74] *Runa* est un mot finois qui signifie: *Chanson*. Les plus anciens caractères des peuples germaniques et scandinaves, qu'ils employaient surtout dans le style lapidaire, portent, comme l'on sait le nom de *Runas*, d'où le terme *Runagraphie* pour désigner ce genre d'écriture.



# INDICE.

A QUEM LER	pag. <a href="#">V</a>
PRIMEIROS VERSOS	<a href="#">XXVII</a>
ADVERTENCIA	<a href="#">XXIX</a>
FÁBULAS E CONTOS	<a href="#">33</a>
I. Introducção	<a href="#">ib.</a>
II. Pelo zurro o burro	<a href="#">42</a>
III. Amor e vaidade	<a href="#">48</a>
IV. Esopo e o burro	<a href="#">59</a>
V. O menino e a cobra	<a href="#">65</a>
VI. A saude e a medicina	<a href="#">69</a>
VII. O gallego e o diabo	<a href="#">78</a>
VIII. O casquilho (janota)	<a href="#">88</a>
IX. Os amantes generosos	<a href="#">92</a>
SONETOS	<a href="#">99</a>
I. Porfia d'amor	<a href="#">101</a>
II. Camões náufrago	<a href="#">102</a>
III. A uma feia com linda voz	<a href="#">103</a>
IV. Suffoque as íras, calle e sinta e gema	<a href="#">104</a>
V. É dos olhos gentis da minha amada	<a href="#">105</a>
VI. Nas froixas, debeis azas da saudade	<a href="#">106</a>
VII. O Campo de Sanct'Anna	<a href="#">107</a>
VIII. Virtude sem prazer não é virtude	<a href="#">108</a>
IX. A flor sêcca	<a href="#">109</a>
X. A certa tragedia	<a href="#">110</a>

XI. Maria e Carolina	<a href="#"><u>111</u></a>
XII. Saudade	<a href="#"><u>112</u></a>
ULTIMOS VERSOS	pag. <a href="#"><u>113</u></a>
DOS EDITORES	<a href="#"><u>115</u></a>
ADVERTENCIA	<a href="#"><u>116</u></a>
FOLHAS CAHIDAS	<a href="#"><u>123</u></a>
LIVRO PRIMEIRO	<a href="#"><u>ib.</u></a>
I. Ignoto Deo	<a href="#"><u>ib.</u></a>
II. Adeus	<a href="#"><u>126</u></a>
III. Quando eu sonhava	<a href="#"><u>132</u></a>
IV. Aquella noite	<a href="#"><u>134</u></a>
V. O anjo cahido	<a href="#"><u>142</u></a>
VI. O album	<a href="#"><u>145</u></a>
VII. Saudades	<a href="#"><u>148</u></a>
VIII. Este inferno de amar	<a href="#"><u>151</u></a>
IX. Destino	<a href="#"><u>153</u></a>
X. Gôso e dor	<a href="#"><u>155</u></a>
XI. Perfume da rosa	<a href="#"><u>157</u></a>
XII. Rosa sem espinhos	<a href="#"><u>160</u></a>
XIII. Rosa pallida	<a href="#"><u>162</u></a>
XIV. Flor de ventura	<a href="#"><u>166</u></a>
XV. Bella d'amor	<a href="#"><u>169</u></a>
XVI. Os cinco sentidos	<a href="#"><u>171</u></a>
XVII. Rosa e lirio	<a href="#"><u>173</u></a>
XVIII. Coquette dos prados	<a href="#"><u>177</u></a>
XIX. Cascaes	<a href="#"><u>179</u></a>
XX. Estes sitios	<a href="#"><u>184</u></a>
XXI. Não te amo	<a href="#"><u>187</u></a>

XXII. Não es tu	<a href="#"><u>190</u></a>
XXIII. Belleza	<a href="#"><u>193</u></a>
XXIV. Anjo es	<a href="#"><u>196</u></a>
XXV. Vibora	<a href="#"><u>199</u></a>
LIVRO SEGUNDO	<a href="#"><u>201</u></a>
I. Barca bella	<a href="#"><u>ib.</u></a>
II. A Coroa	<a href="#"><u>203</u></a>
III. Sina	<a href="#"><u>205</u></a>
IV. Ai Helena	<a href="#"><u>208</u></a>
V. A rosa—um suspiro	pag. <a href="#"><u>210</u></a>
VI. Retratto	<a href="#"><u>212</u></a>
VII. Lucinda	<a href="#"><u>213</u></a>
VIII. As duas rosas	<a href="#"><u>215</u></a>
IX. Voz e aroma	<a href="#"><u>219</u></a>
X. Seus olhos	<a href="#"><u>221</u></a>
XI. A Délia	<a href="#"><u>223</u></a>
XII. A joven americana	<a href="#"><u>224</u></a>
XIII. Adeus, mãe!	<a href="#"><u>228</u></a>
XIV. Ave Maria	<a href="#"><u>232</u></a>
XV. Os exilados	<a href="#"><u>234</u></a>
XVI. Preto	<a href="#"><u>237</u></a>
XVII. No Lumiar	<a href="#"><u>239</u></a>
XVIII. A um amigo	<a href="#"><u>246</u></a>
XIX. Os Lusiadas	<a href="#"><u>248</u></a>
XX. O Tejo	<a href="#"><u>256</u></a>
XXI. Canção da donzella finlandeza	<a href="#"><u>264</u></a>
NOTAS	<a href="#"><u>273</u></a>

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK  
F&#225;BULAS&#8212;FOLHAS CAHIDAS \*\*\*

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

# THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

## **Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the

United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located

in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website



([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

#### 1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES

EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a)

distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™**

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

## **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up

to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

## **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

## **Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works**

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.